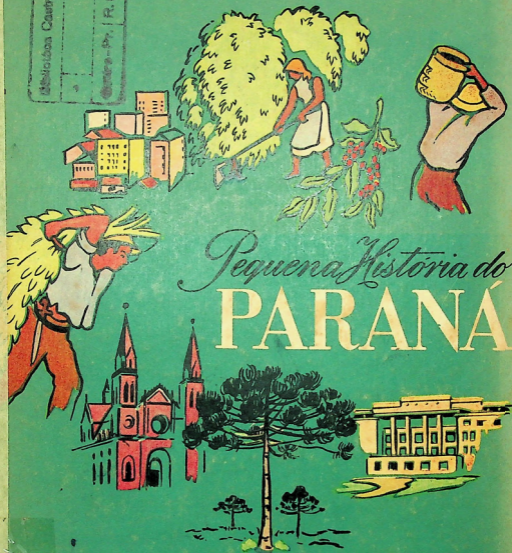


Melhoramentos Centro Alvaro

Quilômetro 10 - R. M. 978

CECÍLIA MARIA WESTPHALEN

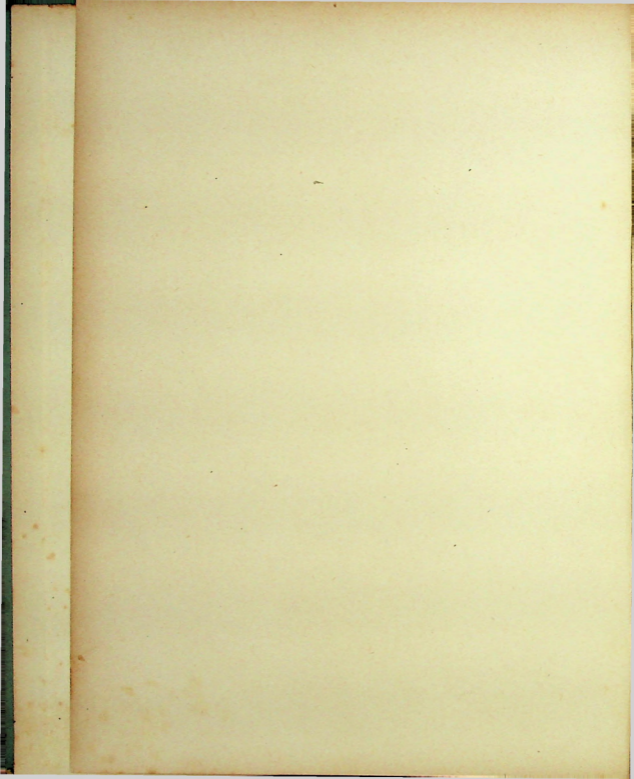


EDIÇÕES MELHORAMENTOS





Colégio São José  
Castro - Paraná



CECÍLIA MARIA WESTPHALEN

PEQUENA HISTÓRIA  
DO PARANÁ

ILUSTRAÇÕES DE OSWALDO STORNI

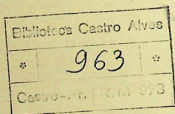


EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Todos os direitos reservados pela  
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel  
Caixa Postal 8120 — São Paulo

8/V-3

*Aprovada pela Comissão de Professores  
designada pelo Secretário de Educação e Cultura  
do Estado do Paraná, conforme Portaria 102/53.*

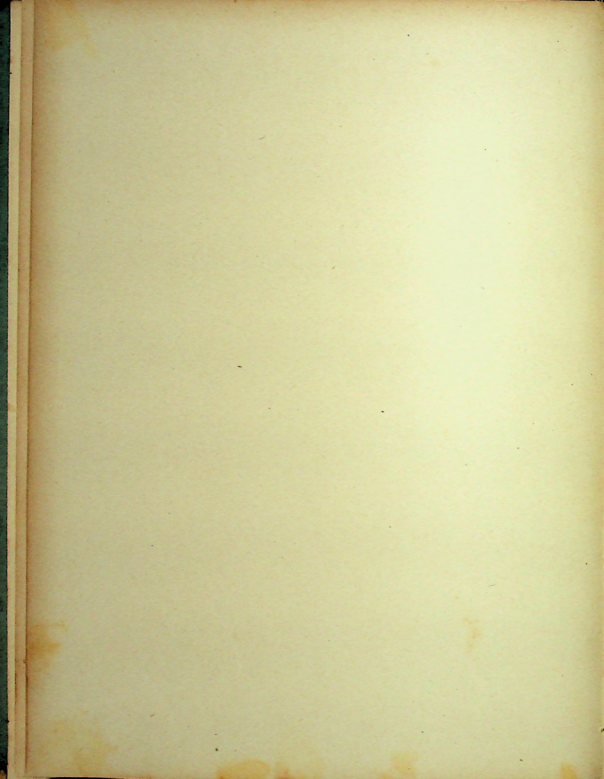


Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 2687



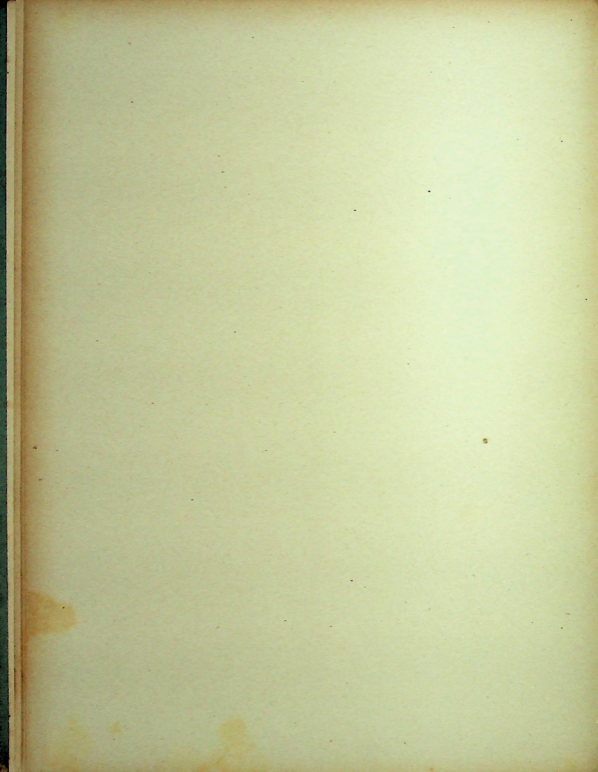
*A idéia e a publicação deste livro são devidas ao Exmo. Sr. Dr. Newton Carneiro, D. D. Presidente da Comissão dos Festejos do Primeiro Centenário do Paraná e ao Prof. Dr. João Xavier Vianna, D. D. Secretário da Educação e Cultura do Estado do Paraná, dos quais a Autora recebeu inteiro apoio.*

C. M. W.



## ÍNDICE

I — Preparação Histórica .....	9
II — Ocupação Geográfica .....	27
III — Definição Territorial .....	41
IV — Emancipação Político-Administrativa .....	57
V — Realização do Paraná .....	79



## PEQUENA HISTÓRIA DO PARANÁ

### I

Efetuados os descobrimentos, o homem e o Estado se encontram na expectativa do que as novas terras poderiam oferecer. É o tempo do reconhecimento e exploração do novo achado. É o tempo de tentativas e experiências.

### II

O homem, em contato mais íntimo com a terra, se lança à conquista, estimulado pelas promessas de riquezas. É o tempo das bandeiras e bandeirantes.

### III

O Estado, ante as possibilidades e êxito do homem, com sua autoridade, assegura a terra para si, demarcando as suas fronteiras. É o tempo da política de fronteiras e das expedições militares povoadoras.

### IV

Conquistada e ocupada a terra, o homem, já estabelecido como proprietário privado, volta novamente a ser o senhor dos seus destinos. É o tempo em que o Paraná exige a sua autonomia e participa dos acontecimentos nacionais.

### V

O homem e o Estado conjugam os seus esforços para um melhor aproveitamento das virtudes da terra. É o instante histórico da realização político-administrativa, econômico-financeira e social-cultural do Paraná.



# I

## PREPARAÇÃO HISTÓRICA

### AS GRANDES NAVEGAÇÕES

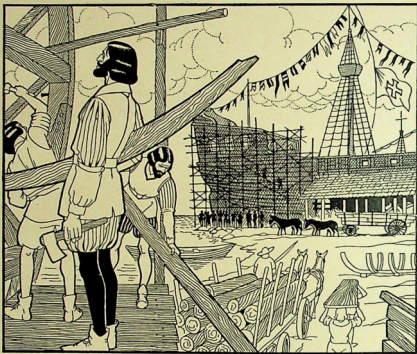
O final da Idade Média foi o tempo, mais significativo da história, quando os homens da península Ibérica alargaram, com as suas grandes navegações e descobrimentos, o horizonte universal. A princípio os portugueses, depois os espanhóis, durante dezenas de anos, cientificamente se prepararam para a arrojada empresa de afastar as fronteiras do pequeno mundo conhecido.

Isto não foi aventura fácil e ligeira, nem tampouco foi o arroubo da imaginação que tocou as *caravelas* de Bartolomeu Dias ao dobrar o cabo da Boa Esperança, de Colombo ao chegar à América, de Vasco da Gama ao encontrar o caminho marítimo para as Índias, de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, de João Dias de Solis ao Rio da Prata, de Fernando de Magalhães ao Oceano Pacífico.

Foi o preparo técnico e científico de várias gerações orientadas no caminho da expansão marítima, uma vez que a situação geográfica, o tamanho da península Ibérica e seus fracos recursos naturais não apontavam dias de grande esplendor material aos seus povos.

Desde a plantação do pinho, que forneceria o madeirame às embarcações, ao estudo dos astros, estrélas, mapas e cartas e à elaboração de instrumentos náuticos, prepararam-se os iberos para a sua grande empresa.

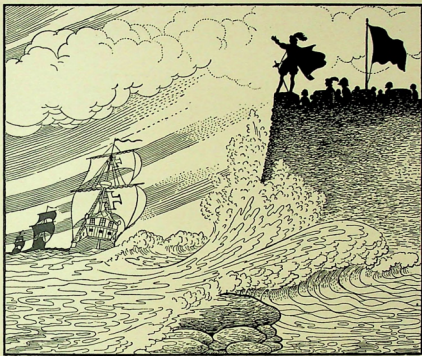
Os portugueses, na Escola de Sagres, fundada pelo Infante D. Henrique, estudaram as melhores condições de navegação. Por todo lado, em Portugal, eram falados e preparados os descobrimentos. Maravilhoso plano nacional seguido pelos reis, de tudo o que fizeram sabiam o "como" e o "porquê".



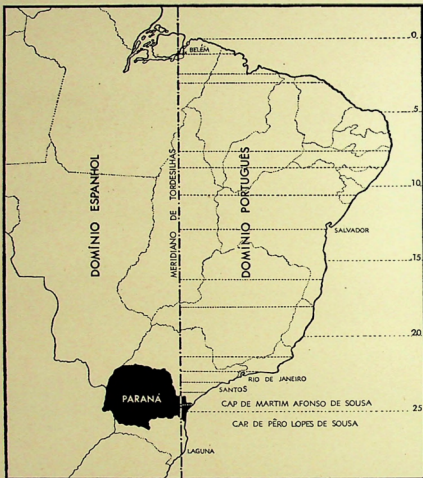
Depois a fé católica dos reis de Portugal e Espanha animou aqueles planos, que deveriam trazer também a cristianização dos povos primitivos, os quais viviam em terras não exploradas.

Ainda o desejo de maiores riquezas oferecidas por lendários reinos e impérios, atraíam os homens, ao lado da verdadeira necessidade das chamadas "especiarias" (açúcar, cravo, canela, pimenta, sêda e outras) que, após o movimento econômico-religioso das Cruzadas, os europeus aprenderam a utilizar e que, fechada a rota de Constantinopla, tomada pelos turcos, se tornavam difíceis e era impossível o seu comércio.

Tantas e variadas causas — situação geográfica dos povos da península Ibérica, impossibilitados de expansão continental; pre-



paro técnico e científico, desenvolvido desde os tempos de D. Dinis, com a plantação dos pinhais de Leiria, até à instalação da Escola de Sagres; a necessidade econômica de utilização das especiarias, aliada ao desejo de aumento da riqueza particular e pública; a fé religiosa dos católicos reis de Portugal e Espanha, — levaram as caravelas a descobrir mares e mundos, povos e gentes, trazendo à Europa uma era de fausto e riqueza, quando Lisboa foi a sede do maior império econômico e a Europa toda se entregou a profundas modificações políticas, sociais, econômicas e religiosas, que marcaram uma época de transição, da Idade Média aos tempos modernos.



### SIGNIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO TRATADO DE TORDESILHAS

Descobrimentos importantes foram realizados. Bartolomeu Dias, dobrando o cabo da Boa Esperança, abre a rota à viagem de Vasco

da Gama. Cristóvão Colombo, obtendo o apoio dos reis da Espanha, realiza o seu desejo de tentar chegar às Índias, rumo ao ocidente, e descobre a América.

O descobrimento da América por Cristóvão Colombo, navegador genovês, a serviço da Espanha, trouxe graves problemas e complicações políticas internacionais, oriundas de antigas concessões de terras feitas pelo Papado aos portugueses, defensores da fé católica na época da dominação e expulsão dos árabes da península Ibérica.

Um choque resultou entre Portugal e Espanha. Aquê, disposto a defender, mesmo pelas armas, os seus direitos, quando a diplomacia dos países em demanda chega a um acôrdo, firmando no ano de 1494, o *Tratado de Tordesilhas*, de profunda significação na história da América e do Brasil.

Ele dispunha que as terras situadas até 370 léguas da mais ocidental das ilhas do Cabo Verde pertenceriam a Portugal, e as terras situadas além das 370 léguas pertenceriam à Espanha, terras descobertas e a descobrir.

Muitas vezes alterado e não cumprido, foi o Tratado de Tordesilhas de grande importância, determinando fronteiras ao Brasil e ao Paraná.

Antes da viagem de Pedro Álvares Cabral, já o Brasil, em pequena parte, principalmente o litoral, mais ou menos da atual Belém do Pará a Laguna, em Santa Catarina, pertencia à Coroa portuguesa.

## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Sabendo e verificando o engano de Cristóvão Colombo, os portugueses redobram os seus trabalhos e esforços, enfim realizando a sua tentativa de procura do caminho marítimo para as Índias.

A armada de Vasco da Gama é equipada e, debaixo das bênçãos e preces da nação portuguesa, inicia a grande viagem vitoriosa, cantada pelo gênio de Luís Vaz de Camões em "Os Lusíadas".

Vasco da Gama chega a Calicut e, respondendo à indagação do governante local: — "A que vindes?", diz — "Em procura de especiarias e novos cristãos". Admiravelmente resumiu os objetivos das navegações portuguesas, o lado material aliado ao lado espiritual.



Regressaram as caravelas abarrotadas de produtos orientais. Postos em Lisboa, compensaram os gastos havidos no preparo da armada, viagem e, ainda, propiciaram fabuloso lucro.

Tal acontecimento mais animou as navegações portuguesas, sendo equipada nova expedição que, sob o comando do nobre Pedro Álvares Cabral, deveria ir às Índias.

No entanto, ela chegou a novas terras da América, descobrindo o Brasil e só depois completou o seu roteiro.

Chegados ao Brasil, os portugueses tomaram posse da terra em nome do rei de Portugal, estabeleceram-se, palmo a palmo a conquistaram e colonizaram, legando-nos os seus usos, costumes e tradições.

Primeiras notícias sôbre o achamento da nova terra são dadas pelo escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, profundo observador e relator — Pêro Vaz de Caminha — o qual redige a nota que deverá ser levada aos reis e à metrópole. Carta minuciosa, veio a constituir um dos mais preciosos documentos da História do Brasil. Interessante por ser o primeiro e pela qualidade das informações sôbre a terra, seus aspectos, habitantes, animais, pássaros, flores e frutos. É verdadeiramente bela e sincera página descritiva do Brasil nascente.

## O HABITANTE DA TERRA

Pedro Álvares Cabral e seus companheiros encontraram o Brasil habitado por homens que viviam em primitivo estado de civilização e cultura, chamados "povos naturais", que constituíam várias nações indígenas, vindas de longe e de há muito tempo.

Habitavam tôda a extensão territorial brasileira. No litoral, principalmente, os Tupi; no interior, os Gê; no centro-norte, os Nuaruaque e ao norte, os Caraíba.

Formavam êles os grandes grupos indígenas do Brasil; outros menores e isolados existiam.

Viviam em estado natural, isto é, não usavam vestuário, apenas adornos e enfeites; não conheciam o uso dos metais, limitavam-se ao conhecimento do fogo (uma das primeiras técnicas que o homem aprendeu); moravam em ocas de barro e ramagens; possuíam poucos objetos de uso doméstico, utensílios de barro, geralmente feitos pelas mulheres indígenas.

A reunião de várias famílias formava a tribo, vivendo na taba.

Uma tribo e outra, por questões de alimentação, uma vez que se alimentavam apenas de caça e pesca e cultivavam roças rudimentares de mandioca, quase sempre se encontravam em lutas, procurando conseguir melhores locais a coleta de frutos, campos de caça, rios piscosos, necessários à sua conservação.

Entre si não guerreavam, respeitavam-se mutuamente e, mais ainda, respeitavam o produto do trabalho alheio, um não tirava o arco e a flecha de outro. A terra era coletiva, mas os objetos móveis, como o arco e a flecha, eram individuais.

Possuíam crenças e concepções religiosas, acreditavam em Tupã, ente superior, senhor da vida e da morte, e julgavam que os fenômenos da natureza, como o raio e o trovão, eram manifestações do seu poder.

Além de Tupã, tinham outros deuses menores e secundários, como o Sol — *Guaraci*, a Lua — *Jaci*, todos êles acompanhados por um séqüito de gênios protetores, como o Saci-Cererê, Mboi-Tatá, o Curupira e outros.

Viviam nos campos e nas matas, planícies e serras, na mais ampla liberdade, limitados apenas pela linha do horizonte. Justamente por isto, quando o branco europeu quis utilizar-se, em seus engenhos, roças e lavras, do seu trabalho escravo, o índio não se submeteu, melhor, não se adaptou; a sua formação não era adequada para tal.

## OS PRIMEIROS TEMPOS

Dada a notícia da existência desta nova terra e novas gentes, por um pouco se demoraram os reis de Portugal em mandar expedições de reconhecimento e exploradoras do novo achado.

Desejavam êles encontrar um navegador que tivesse perfeita ciência dos descobrimentos espanhóis na América, a fim de bem ajuizar o descobrimento português e declarar se êle se achava, ou não, dentro dos limites traçados pelo Tratado de Tordesilhas.

Encontraram êsse navegante na pessoa de Américo Vespucci, companheiro de viagem de Cristóvão Colombo ao Novo Continente e a quem se deve o nome de América.

Veio Américo Vespucci ao Brasil na primeira expedição exploradora.

Assim, o fato da demora não implica em pouco caso pela terra recém-descoberta; também, logo que sabedor da grata nova, El-Rei Dom Manuel se apressou em manifestar à Espanha o agrado dos portugueses e a sua vontade de conservar a colônia, embora com sacrifícios.

A expedição em que tomou parte Américo Vespucci e outras que vieram mais tarde, tiveram por finalidade a exploração da costa brasileira, verificando a sua extensão, acidentes geográficos e,



ainda, a fundação de feitorias, postos avançados da possessão portuguesa na América do Sul.

Terra imensa, essas expedições que visitaram o Brasil, não podiam realizar obra duradoura, a conquista da terra ou do indígena.

Para tanto contribuía o perigo dos constantes ataques de navios piratas estrangeiros, que vinham ao litoral brasileiro abarrotar os porões com carregamentos de pau-brasil, madeira que fornecia ótima tinta corante (o vermelho era a cor da moda na Europa) e que, para melhor comerciar, incitavam o indígena contra o ocupador português.

Era desejo de outros povos participar também dos lucros econômicos dos grandes descobrimentos.

Com tais dificuldades e imprevistos, D. João III resolve, após trinta anos da viagem de Pedro Álvares Cabral, enviar ao Brasil, sob o comando do nobre, seu amigo e leal servidor, Martim Afonso de Sousa, grande expedição, a primeira colonizadora.

Enormes foram os seus encargos: início da colonização, trazendo famílias de colonos, sementes, gado, etc...; a fundação de feitorias, melhor situadas, guarnecidas e armadas para a defesa efetiva da terra; a missão de verificar se a foz do rio da Prata estava dentro da posse portuguesa ou espanhola.

Martim Afonso de Sousa tudo desempenhou e, sendo homem de visão, verificou também a impossibilidade da colonização do Brasil, com apenas expedições colonizadoras vindas da Metrópole e dirigidas pela Coroa distante.

### AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Portugal, pequeno país europeu, com pequena população atarefada em realizar o apogeu econômico de sua terra, com o comércio das Índias, não podia efetivar no momento a conquista e a colonização do Brasil, por maiores que fôsem os trabalhos e esforços da Coroa portuguesa.

O monarca D. João III, atendendo a conselhos e compreendendo o perigo dos ataques estrangeiros, a incapacidade de colonização pela Coroa, e, sobretudo, sentindo a necessidade urgente do seu aproveitamento econômico, adota o sistema político-administrativo das capitanias hereditárias, já criado e instalado em outras colônias portuguesas.

O litoral brasileiro foi dividido em porções doadas a fidalgos de Portugal (foi difícil encontrar quem as aceitasse) que, à sua custa e risco, se comprometiam a conquistar e colonizar a nova terra.

Eram os capitães donatários, os quais passaram a ter a posse de sua capitania que, por direito de herança, se conservaria dentro de sua família.

Eficaz em pequenas colônias, no Brasil fracassou o sistema das capitanias.

Fracassou pela sua enorme extensão territorial, dificuldades de transportes entre as capitanias e entre a metrópole e a colônia. Faltou um governo central que a tôdas atendesse, houve falta de recursos econômicos e organização administrativa dos donatários. Falta de colonos, falta de trato entre êstes e os indígenas, falta de tudo, trazendo o fracasso, a não ser naquelas em que a base econômica do açúcar susteve os primeiros instantes e o povoamento há mais tempo iniciado permitiram rápido progresso.

Esta experiência falha trouxe a instalação do governo-geral no Brasil, mas continuaram existindo as capitanias hereditárias, dentro das famílias dos donatários, transmitindo-se por herança de geração em geração, até que, ocupadas ou adquiridas pela Coroa portuguesa, voltaram à administração real.

### AS CAPITANIAS DE SÃO VICENTE E DE SANT'ANA

Duas capitanias hereditárias foram criadas sôbre o litoral paranaense, a de São Vicente, doada a Martim Afonso de Sousa, e a de Sant'Ana, doada a Pêro Lopes de Sousa.

Aquela em duas porções, compreendendo, no que interessa ao Paraná, a região entre a barra de Paranaguá à de Bertioga. A de Sant'Ana, desde a barra de Paranaguá, descendo, até onde fôsse legítima, pelo Tratado de Tordesilhas, a conquista e ocupação portuguesa. Segundo a interpretação portuguesa do mesmo tratado, era legítima a sua ocupação e conquista até a altura de Laguna, em Santa Catarina.

Para os espanhóis, o meridiano do Tratado de Tordesilhas na altura da barra de Paranaguá se perdia no mar; assim, para êles, era inexistente a capitania de Sant'Ana, doada pelo rei português a Pêro Lopes de Sousa.

Pelas atividades econômicas e povoamento há muito iniciados, como pela energia dos seus administradores, a capitania de São Vicente foi uma das que alcançaram progresso e êxito (a outra foi a de Pernambuco, doada a Duarte Coelho Pereira).

Nela se desenvolveram os primeiros tempos da civilização meridional brasileira, característica, já evidente nos entradistas do sertão, que partiam em busca de riquezas e índios.

Os dois irmãos, Martim Afonso e Pêro Lopes de Sousa, aquêle, iniciador da colonização portuguesa no Brasil, êste, explorador do rio da Prata, pelo muito que fizeram nos tempos difíceis da iniciação histórica brasileira, estão profundamente ligados à nossa vida colonial.

Chamados a outros serviços del-Rei, não administraram pessoalmente as suas donatárias. A morte de Pêro Lopes de Sousa, quando regressava ao Brasil e dêle muito esperava a sua capitania, veio contribuir para retardar o aparecimento das terras do Paraná na colônia portuguesa da América do Sul.

### O INDÍGENA DO PARANÁ

Encontramos no litoral paranaense vestígios da sua antiga ocupação por primitivos indígenas que nos deixaram evidentes sinais da sua passagem nos chamados "sambaquis", ou casqueiros formados pelo amontoado de carapaças de moluscos que podem conter, ou não, material lítico, ossadas de animais e restos humanos, como por exemplo, machados de pedra e esqueletos.

Os "sambaquis" são importantíssimos ao estudo dos primitivos habitantes da terra brasileira e paranaense, porque são jazidas que podem oferecer à Ciência, respostas para as indagações sôbre o Homem Americano.

No tempo do descobrimento, as terras do Paraná estavam ocupadas por tribos indígenas que, pouco a pouco, foram recuando para o interior, à medida que o branco se estabelecia no litoral. De lá os foram arrancar os ataques bandeirantes, que nêles encontravam grande fonte de riqueza — o trabalho escravo.

Viviam no litoral paranaense, principalmente, os Carijó, preados com fereza pelas incursões de Jerônimo Leitão e Manuel Soeiro, os Tupiniquim e outros.

Nos planaltos e nos campos viviam os Tingui, os Guaianá, os Temiminó, os Bituruna, depois os Caingangue, os Caiuá, os Camé e tantos outros.

O indígena do Brasil muito contribuiu para a nossa formação étnica, contribuição material através de novos tipos mestiços, como

o caboclo, e espiritual, deixando-nos os seus usos, costumes e tradições.

No Paraná, sentimos a presença dos primeiros habitantes da terra no uso do mate, no costume do fogo aceso, na lenda do Pai Zumé, enfim, na riqueza inesgotável do nosso folclore.

## L E I T U R A

### TRECHOS DA CARTA DE PÊRO VAZ DE CAMINHA

"...E assim seguimos nosso caminho, por êste mar, de longo, até que, têrça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram vinte e um dias de abril, estando da dita ilha obra de 600 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo de asno. E, quarta-feira seguinte, pela manhã topamos aves a que chamam furabuchos. Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dêle; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome — o MONTE PASCOAL e à terra — a TERRA DE VERA CRUZ..."

"...Dali avistamos homens que andavam pela praia..."

"E tomou dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos, que estavam numa almadia. Um dêles trazia um arco e seis ou sete setas; e na praia andavam muitos com os seus arcos e setas; mas de nada lhes serviram. Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, em cuja nau foram recebidos com muito prazer e festa." "A feição dêles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos, bons narizes, bem feitos. Andam nus sem cobertura alguma."

"Os seus cabelos são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sôbre-pente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas..."

"...Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram a terra, como quem diz

que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados..."

"...Ali veríeis galantes, pintados de prêto e de vermelho, e quar-tejados, assim nos corpos, como nas pernas, que, certo, pareciam bem assim..."

"...Alguns traziam uns ouriços verdes, de árvores, que, na côr, queriam parecer de castanheiros, embora mais pequenos. E eram cheios duns grãos vermelhos pequenos, que, esmagados entre os dedos, faziam tintura muito vermelha, de que êle andavam tintos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam..."

"...Êles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que acostuada seja ao viver do homem. Nem comem senão dêsse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutitos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos..."

"...Esta terra, Senhor, me parece que.....de ponta a ponta, é tudo praia-calma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender os olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia longa..."

"...Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo..."

*Pêro Vaz de Caminha*

## PAI ZUMÉ

O sertão de Tibaxiba tinha fama de bravio, "terra áspera e montuosa" como diz o padre Gay ("História dos Jesuítas do Paraguai") e até o ano de 1624 sua numerosa população de indomados infieís fazia parte da república teocrática de Guairá.

Nesse ano, porém, Montoya e Cristóvão de Mendonça, sózinhos, armados das armas da fé, saíram de Loreto, na foz do Pirapó, e foram ter às tabas de Taiati, no principal reduto das mais temidas tribos do Apucarana.

Ao contrário de tôdas as suposições, foram recebidos com significativas manifestações de paz e alegria, presenteados com as mais preciosas frutas silvestres e homenageados com cânticos e danças. Admirando-se dessa ocorrência os heróicos soldados de Cristo, o mais velho pajé das tribos do Tibaxiba avançou na multidão. Pararam as algazarras festivas, um silêncio expectante pousou nas almas e o pajé falou: — “Aqui vos esperamos desde os tempos dos nossos antepassados. Sabíamos que havíeis de vir, porque *Pai Zumé* lhes disse o que dizeis agora e previu que havíamos de esquecer a doutrina que aqui ensinou, mas que outros sacerdotes nos fariam recordá-la. Eles trariam a cruz nas mãos pacificadoras e repetiriam as mesmas palavras que nos dizeis agora”.

E foi assim que no reduto infiel de Taiati, surgiu a cidade cristã de Encarnación.

Por onde São Tomé foi passando, do mar ao Tibaxiba, ao Ivaí, ao Piquiri, em rumo do ocidente, onde desapareceu, como o sol, nas águas tumultuárias do Paraná, os caminhos se iam abrindo na relva, na floresta e nas serranias, e nunca mais se fecharam...

Os sinais de seus passos se fixaram no granito das penhas, e indeléveis marcarão eternamente a passagem do Santo.

Os primeiros jesuítas que surgiram nas mesopotâmias dos grandes rios que correm para o ocidente e os demais da falange que desbravou a selva do Paranapanema e daí para o sul até onde os levou a sôbre-humana heroicidade, por tôda parte encontraram a tradição da presença do apóstolo peregrino nas terras habitadas pelas cem nações pagãs de Guairacá.

As obras de Deus são assim. Os caminhos que São Tomé percorreu em nossa terra e as brenhas que varou nas serranias nunca mais se fecharam e as palavras que proferiu se repetiram sempre e se repetirão pelo tempo afora, porque a verdade é eterna e imortais os seus pregadores.

*Romário Martins*

## SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIOS

### A

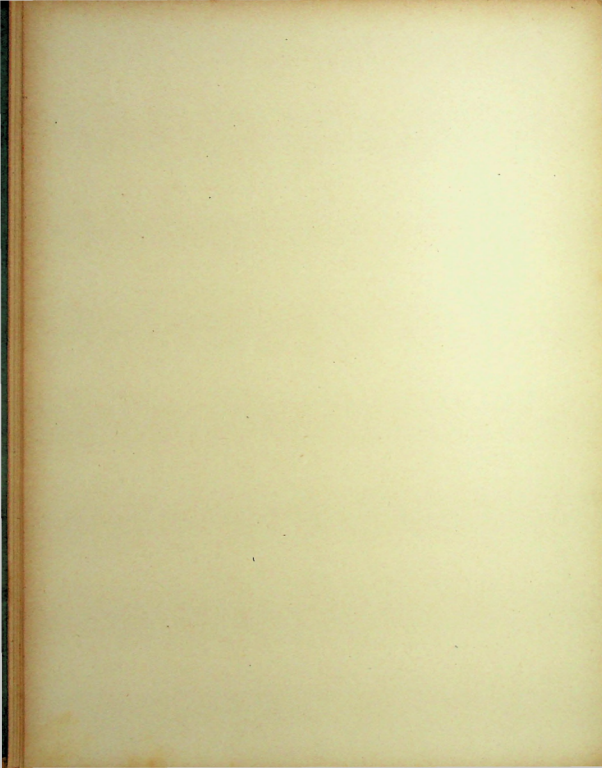
- 1 - Em que época se deram os grandes descobrimentos?
- 2 - Qual o tipo de embarcação nêles utilizado?
- 3 - Quais os povos que mais se empenharam na realização dos descobrimentos?
- 4 - Quem dobrou o cabo da Boa Esperança?
- 5 - Que fêz Vasco da Gama?
- 6 - Quem descobriu o rio da Prata?
- X 7 - Os descobrimentos foram realizados sem preparo científico?
- 8 - O que eram as chamadas "especiarias"?
- 9 - Houve interêsse religioso nos grandes descobrimentos?
- 10 - A serviço de que país, Colombo descobriu a América?
- 11 - Por que o descobrimento da América trouxe complicações entre Portugal e Espanha?
- 12 - Como Cristóvão Colombo pensava chegar às Índias?
- 13 - Quando foi celebrado o Tratado de Tordesilhas?
- 14 - A viagem de Vasco da Gama deu bons resultados econômicos?
- 15 - Qual a primeira notícia que temos sôbre o descobrimento do Brasil?
- 16 - Pelo tratado de Tordesilhas, o Paraná, na sua maior parte, pertencia a Portugal ou à Espanha?

### B

- 17 - Por quem era habitado o Brasil por ocasião da chegada de Pedro Álvares Cabral?
- 18 - Quais os grandes grupos indígenas do Brasil?
- 19 - Os indígenas do Brasil conheciam o uso dos metais?
- 20 - De que se alimentavam os nossos indígenas?
- 21 - Por que as tribos indígenas se encontravam em lutas constantes?
- 22 - Eles possuíam crenças religiosas?
- 23 - O que é um "sambaqui"?
- 24 - Qual o material que nêles podemos encontrar?
- 25 - Quais as tribos que, principalmente, habitavam o litoral do Paraná? E no interior?
- 26 - Cite um tipo mestiço de branco e índio.
- 27 - Dê um exemplo da influência indígena em nossos usos e costumes.
- 28 - Em poucas palavras narre a lenda do Pai Zumé.

## C

- 29 — Por que se demoraram os reis de Portugal a enviar a primeira expedição de reconhecimento ao Brasil?
- 30 — A quem se deve o nome de América?
- 31 — Por que era apreciado o pau-brasil?
- 32 — Qual a primeira expedição colonizadora que veio ao Brasil?
- 33 — Quais os encargos que trouxe Martim Afonso de Sousa?
- 34 — A Coroa portuguesa teve meios para colonizar o Brasil?
- 35 — O que eram as capitanias hereditárias?
- 36 — No Brasil, deu resultado o sistema das capitanias?
- 37 — Quais as capitanias que prosperaram e seus donatários?
- 38 — Qual a causa da sua prosperidade?
- 39 — Quando foi instalado no Brasil o govêrno-geral?
- 40 — Quais as capitanias criadas sôbre o litoral paranaense?
- 41 — Quais os seus capitães-donatários?
- 42 — A morte de Pêro Lopes retardou o surgir das terras do Paraná na História do Brasil?



## II

### OCUPAÇÃO GEOGRÁFICA

#### NOTÍCIAS DE RIQUEZAS EM POTOSI

Desde o tempo do descobrimento do Brasil e da embocadura do rio da Prata, portugueses e espanhóis procuravam chegar às terras lendárias de Potosi, tantas as novas de riquezas imensas ali acumuladas.

Todos por elas se achavam atraídos e fascinados. Foi o sonho dominante que os empolgou, fazendo conquistar e colonizar a região do Prata, como o nascer dos primeiros estabelecimentos portugueses no litoral sul-brasileiro.

Ardorosamente se puseram a caminho, enfrentando os maiores obstáculos naturais e a indiada brava que opunha resistência à sua penetração.

Importante era primeiro determinar a quem pertencia a foz do rio da Prata, a Portugal ou Espanha, segundo as disposições do Tratado de Tordesilhas. Tal foi a grande tarefa que levou, por exemplo, a armada de Martim Afonso de Sousa à embocadura do Prata, sob o comando de Pêro Lopes.

Era o rio da Prata caminho natural de acesso àquelas riquezas e ao interior do continente. A subida do rio foi estrada muitas vezes percorrida.

Também as terras do Paraná viram passar os homens da aventura, em busca da sorte e fama. Foram atravessadas de ponta a ponta, do oceano ao rio, vendo palmilhadas as suas matas e campos, por espanhóis e portugueses que nelas se fixaram.

Em consequência, os espanhóis se estabeleceram no ocidente, conquistando e colonizando o Prata; os portugueses, no litoral

atlântico, fundado os seus primeiros povoados na parte meridional da sua colônia na América.

Dois caminhos intimamente ligados levavam à serra da Prata: o subidouro do rio e aquêle através de terras paranaenses.

## EXPEDIÇÕES À PROCURA DAS RIQUEZAS DA SERRA DA PRATA

Em busca das faladas e prodigiosas riquezas em ouro, prata e pedrarias que se diziam existentes em poderoso império, governado por um rei branco, varando terras e rios do Paraná, partiu Aleixo de Garcia, expedição cujos relatos a outros inflamaram.

Levando um exército indígena, com alguns companheiros, êle chegou à terra da prata, onde saqueou tesouros abundantes, iniciando o regresso com precioso botim.

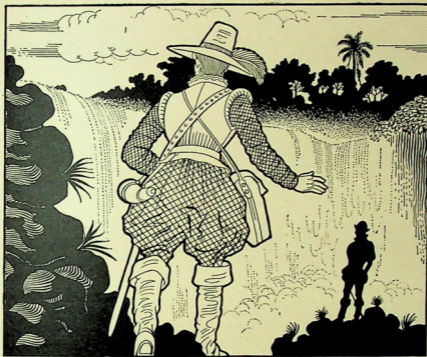
Por sua ordem, companheiros adiantaram-se, chegando à costa atlântica com peças de ouro e prata. Aleixo de Garcia, todavia, não voltou, sendo dizimado com sua expedição por índios bravios de regiões paraguaias.

Atraídos pelas narrativas de êxito, espanhóis e portugueses procuravam a serra da Prata. Subiram o rio da Prata, Sebastião Caboto, desviando-se da sua rota; Diogo Garcia de Mogueis; Pedro de Mendonça, o fundador de Buénos Aires; seu lugar-tenente, João de Ayolas; Salazar e outros até Nuflo de Chaves, que viu desvanecidos os sonhos platinos de alcançar a sorte cobiçada, uma vez que outros homens também espanhóis já haviam penetrado pelo oceano Pacífico e arribado à fonte das riquezas — o tesouro do Inca.

Mas por onde todos êles passaram ficou sentida a presença espanhola na região do Prata.

A Martim Afonso de Sousa chegaram as notícias da existência de ouro, prata e pedrarias. Francisco de Chaves, de Cananéia, o convence a enviar, sob o comando de Pêro Lôbo e sua orientação, grande expedição entradista que jamais regressou, destruçãda que foi por tribos indígenas.

As tentativas de Aleixo de Garcia e Francisco de Chaves foram das primeiras entradas realizadas no Brasil, dando início, através das terras do Paraná, à sua formidável expansão geográfica.




### A EXPEDIÇÃO DE ÁLVARO NUNES CABEZA DE VACA

Enviado pelo rei da Espanha, veio à América verificar o que restava da expedição de Pedro de Mendonça e o destino de João de Ayolas, Dom Álvaro Nunes Cabeza de Vaca que traçou, no Paraná e no Prata, memorável façanha da conquista espanhola.

Homem que já havia vivido a América em tôda a sua realidade, experimentado e capaz, chegou à ilha de Santa Catarina, no litoral sul-brasileiro.

Dali, vendo a impossibilidade de continuar viagem marítima com todos os seus companheiros, seguiu por terra, trilhando



passos de Aleixo de Garcia, embrenhando-se na mata agreste da orla atlântica, vindo reopntar nos Campos Gerais, de onde continuou, varando por duas vèzes o Iguaçu, até o grande rio Paraná, atingindo finalmente o seu objetivo — Assunção, no Paraguai, através das terras do Paraná.

## PROVÍNCIAS ESPANHOLAS E REDUÇÕES JESUÍTICAS

Procuraram os espanhóis estabelecer-se nas regiões ocidentais do Paraná, a fim de efetivar e defender a sua posse na parte meridional da América, resguardando pretensas riquezas e a indiada e, ainda, legitimando os seus direitos segundo o Tratado de Tordesilhas.

Ergueram fortins, surgiram as vilas e organizaram as suas províncias, como a do Paraguai, com ampla jurisdição e sede em Assunção, baluarte espanhol à expansão territorial dos portugueses na América.

Os seus governadores, ou “adelantados”, empenharam-se em fazer valer os direitos da Coroa espanhola quer ante os portugueses, como submetendo os indígenas.

Uns foram vencedores, outros vencidos pelas tribos indígenas, até que entregaram a tarefa da submissão da indiada aos padres da Companhia de Jesus.

Estes, atendendo aos seus próprios fins de cristianização e civilização, e às solicitações de governadores espanhóis da província do Paraguai, vieram pregar e catequizar os índios guairenses, na região margeadora do rio Paraná.

Sentindo a dificuldade das distâncias, para melhor eficácia do seu trabalho, resolveram aldear os índios em *Reduções*, nas quais, sem que deixassem os seus antigos usos e costumes, levariam uma vida cristã e civilizada, para maior glória de Deus e honra do rei da Espanha.

Tiveram êxito êses aldeamentos. Nêles viveram milhares de indígenas reduzidos a uma vida ordenada, pela fé e bondade dos padres jesuítas.



Sem choques, nem violências, agrupados em grandes comunidades, as missões da Companhia de Jesus, nas terras paranaenses do Guairá, tiveram grandeza, sobretudo, espiritual.

### OURO EM PARANAGUÁ

Chamados por aquelas notícias da existência de ouro e prata em Potosí, muitos foram os colonos portugueses de São Vicente que incursionaram pelo litoral sul-brasileiro, empenhados também naquela procura ansiosa.

colonos  
Part. do S.  
Curitiba

Alguns por ali ficaram, aparecendo os primeiros núcleos portugueses na costa meridional da colônia.

20/ Levavam eles vida incerta e instável até que, em regiões do litoral paranaense, em Paranaguá, circulou a alastradora nova da descoberta de ouro. Havia ouro nas antigas terras de Martim Afonso e Pêro Lopes de Sousa.

Surge Paranaguá no oriente, um século após a grande entrada, pelo interior paranaense, do espanhol Cabeza de Vaca rumo ao ocidente e quando já as missões espanholas caíam vencidas pelos ataques bandeirantes. X

22/ A primeira amostra de ouro foi levada para exame e registro em São Paulo, no ano de 1646, por *Gabriel de Lara*, personagem ilustre e influente no pequeno povoado de Paranaguá, um dos seus povoadores tendo representado interesses, tanto do Conde da Ilha do Príncipe, como do Marquês de Cascais, no caso da disputada herança da capitania de Pêro Lopes de Sousa.

Ativo, enérgico, participou Gabriel de Lara de todos os fatos e acontecimentos do surgir de Paranaguá, conseguindo a sua elevação à categoria de vila, pouco depois, em 1648. 23

O pequeno povoado de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, com a presença do ouro, transformara-se em centro populoso.

### SUBINDO A SERRA DO MAR

Também no planalto se estabeleceram os portugueses que por ali passaram em busca de riquezas ou preando o indígena.

A descoberta de veios auríferos na encosta e serra acima, mais atraiu colonos à zona de Curitiba. As suas matas e campos facilitaram a fixação portuguesa no planalto curitibano.

Dispersos pelos pinhais, campos, ou à beira dos rios, pouco a pouco se foram agrupando os primeiros moradores da região.

25/ Em 1668, o capitão-mor de Paranaguá, Gabriel de Lara, subindo a serra do Mar, tomou posse, em nome da autoridade portuguesa, da nova povoação, mandando levantar o pelourinho, símbolo da organização e justiça. X



Ele foi erguido em terras povoadas por *Mateus Martins Leme* que, ao lado de Baltasar Carrasco dos Reis e Ébano Pereira, realizou o povoamento efetivo do planalto de Curitiba.

Transcorridos vinte e cinco anos, a 29 de março de 1693, a pedido dos homens bons da povoação, para melhor aplicação da justiça e trabalho tranqüilo dos seus moradores, Curitiba foi elevada à categoria de vila, ainda por Mateus Leme, verdadeiro patriarca e figura central dos primórdios curitibanos.

A pequenina vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, passou a concentrar o povoamento português no planalto paranaense.



## O TEMPO DAS BANDEIRAS

Tempo heróico da história colonial brasileira foi aquêlo em que os paulistas, preando o indígena para o trabalho escravo, procurando ouro e pedrarias e, mais ainda, desejosos de descobrir os segredos da terra não explorada, embrenharam-se pelo sertão, fazendo recuar, a cada passo da *Bandeira*, o meridiano de Torde-silhas.

Movimento espontâneo, voluntário, organizado e armado pelo *Bandeirante*, constituiu, cortando e cruzando o interior brasileiro, o espantoso avançar de nossas fronteiras.

Era a posse da terra pelo homem por ela conquistado.

O Paraná, rico em campos, matas, águas navegáveis, milhares de indígenas, foi visitado freqüentemente pelas famosas bandeiras.

Em terras paranaenses andaram realizando incursões, entre outros, Antônio Rapôso Tavares, Manuel Prêto, Francisco Bueno, Fernão Dias Pais.

A região do Guairá foi, por todos êles, a mais visada. Grandes contingentes indígenas encontravam-se ali aldeados pelos padres jesuítas das missões espanholas.

Foram os continuados ataques bandeirantes às Reduções Jesuíticas que valeram ao Paraná e ao Brasil a posse das terras de Guairá.

### A DESTRUIÇÃO DAS REDUÇÕES

Atendendo à necessidade da catequese dos indígenas, os padres jesuítas das missões espanholas haviam estabelecido, na zona paranaense de Guairá, as suas Reduções.

Elas prosperaram e, orientados pelos padres jesuítas, viviam milhares e milhares de indígenas, notadamente guairenses, entregues a um trabalho pacífico e ordenado no amanho da terra e criação do gado.

Mas não puderam ter as Reduções vida tranqüila por muito tempo, logo despertaram a atenção e cobiça dos homens rudes do planalto paulista que, em repetidos assaltos, as destruíram, matando e escravizando os indígenas aldeados.

A bandeira de Antônio Rapôso Tavares e Manuel Prêto, em 1629, foi a que desbaratou, por completo, a defesa das Reduções do Guairá.

Milhares de indígenas foram mortos, outros escravizados, os poucos que restaram, guiados pelos homens inolvidáveis da Companhia de Jesus, numa retirada heróica, escaparam descendo o rio Paraná.

Depois de viagem infeliz e tormentosa foram êles acampar no Rio Grande do Sul, onde renasceram, com maior esplendor, as Reduções Jesuíticas.

## L E I T U R A

### TRECHO DA FUGA DOS INDÍGENAS E JESUÍTAS DO GUAIRÁ

"A nossa retaguarda deixamos os de São Paulo, inimigos de nossos filhos; em nossa frente, do lado para onde havemos de ir, temos os de Guairá, outros inimigos. De que maneira portanto nos havemos? Se nos demorarmos muito, talvez que nos alcancem os portugueses que vêm em nosso encalço, se porém formos para diante estaremos nas mãos dos brancos que nos esperam. Certamente, se aqui ficarmos, em todo o caso, as jangadas faremos estragarem-se, e não será mais possível irmos por água e passarmos aquela cachoeira terrível". Dizíamos assim conversando entre nós.

Depois disso eu fui adiante em canoa, e procurei os brancos onde eles se achavam; entrei no arraial deles, declarei-lhes a condição pacífica de nossa gente, e mostrei-lhes também que eles, brancos, eram maus. Não quiseram ouvir-me em verdade, sacaram cinco espadas e dirigiram-nas para meu peito, querendo agarrar-me, debalde porém, não me deixei vencer por eles, safei-me por entre meio de suas espadas, para junto de meus companheiros, voltando então.

Contei a eles onde é que estavam os brancos, onde queriam cair sobre os nossos filhos. Mandamos outra vez dois padres para pedirem que nos dessem caminho, porém os tais do mesmo modo nem um pouco quiseram ouvir nossas falas. Fomos conversar com eles ainda mais vezes repetindo os nossos pedidos para que nos dessem caminho como porém eles não dessem fé de nada, então sim eu me abalancei a falar-lhes forte, dizendo-lhes: "Já por três vezes nós nos humilhamos bastante para vos pedir que nos desseis caminho, debalde, vós não quisestes ouvir-nos de todo, por este caminho que aqui está contudo havemos nós de passar, e vós acautelai-vos. Se fizerdes mal aos nossos filhos, se vós os assoberbades, e os matardes, sereis malditos; nós já nos declaramos bem a vós;" e vendo eu uma mulher no meio deles, "arredai a esta mulher para que se não ache neste dia um cadáver de mulher no meio de cadáveres de homens",

disse eu. Depois de dizer-lhes isto retirei-me simplesmente, voltando para o lado dos meus companheiros. Os cristãos em ouvindo como eu lhes havia falado com fôrça, consideraram afinal que os nossos filhos formavam uma grande multidão, e que êles lá não eram muitos. "A gente que veio junto com os padres é muitíssima de veras, e nós aqui somos apenas alguns," disseram êles consigo ficando-se com os corações murchos. Mandaram prontamente notícias atrás de nós, nós lhes respondemos, e depois que se foram descemos ao lugar em que estiveram. Ali pousou a gente tôda que saiu das jangadas e das canoas. Por causa da grande altura donde a água se precipitava não se quisera que por ali passasse canoa alguma. Não obstante porém isso, nós experimentamos e atiramos 300 canoas que estavam vazias, dizendo conosso: ao menos uma veremos sair salva, pois em verdade depois de vencermos 25 léguas por terra, precisaremos embarcar outra vez nas canoas. As 300 canoas caíram na cachoeira, e por se terem precipitado com muita fôrça pelas pedras por fim de contas se espatifaram ficando reduzidas a pedaços de pau, que iam rolando. Por êsse motivo deixamos as outras canoas e caminhamos por terra. Mulheres e raparigas, homens e rapazes levavam as suas cargas, as suas coisas miúdas, cada um segundo as suas fôrças. Coisas destinadas à adoração de Deus, as violas, rabecas, flautas, trombetas, e outras coisas pertencentes à música deixaram à toa, pois era muito difficil que se as levasse por não haver burros nem cavalos nem bois para nos ajudarem. Dentro de oito dias nós chegamos ao rio no lugar onde cuidávamos que embarcaríamos de novo, supondo que os padres residentes para baixo do Paraná tivessem para ali mandado canoas para serventia de nossos filhos, e também mantimento. Ali porém não encontramos coisa alguma, os padres estavam muito mais longe, e as notícias que nós lhes tínhamos mandado, depois de muita demora sòmente chegaram até êles; e sòmente por causa disto não encontramos aquêles que tínhamos esperado de balde que nos viessem ajudar.

*Padre Antônio Ruiz Montoya*

## SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

### A

- 1 - O que atraiu os portugueses e espanhóis às terras de Potosi?
- 2 - A procura de riquezas fez conquistar e colonizar a região do Prata?
- 3 - Como surgiram os primeiros estabelecimentos portugueses no litoral sul-brasileiro?
- 4 - A expedição de Martim Afonso de Sousa explorou o rio da Prata?
- 5 - Pelo tratado de Tordesilhas a quem pertencia a foz do Prata?
- 6 - Quais os caminhos que levavam à serra da Prata?
- 7 - Cite algumas expedições que, através das terras do Paraná, foram à procura de riquezas.
- 8 - Quem foi Alvaro Nunes Cabeza de Vaca?
- 9 - Qual o seu roteiro para chegar ao Paraguai?

### B

- 10 - Podiam os espanhóis estabelecer-se nas regiões ocidentais do Paraná?
- 11 - Os "adelantados" do Paraguai submetem a todos os indígenas da região?
- 12 - A quem foi entregue a tarefa de submissão dos indígenas do Guairá?
- 13 - O que eram as "Reduções Jesuíticas"?
- 14 - Como viviam ali os indígenas guaiarenses?
- 15 - Alcançaram êxito as missões jesuíticas do Guairá?
- 16 - Tiveram elas vida calma e duradoura?
- 17 - Por que atraíram a cobiça dos bandeirantes?
- 18 - Qual a bandeira que provocou maiores destruições nas Reduções?
- 19 - Procure localizar no mapa do Paraná a região das Reduções.

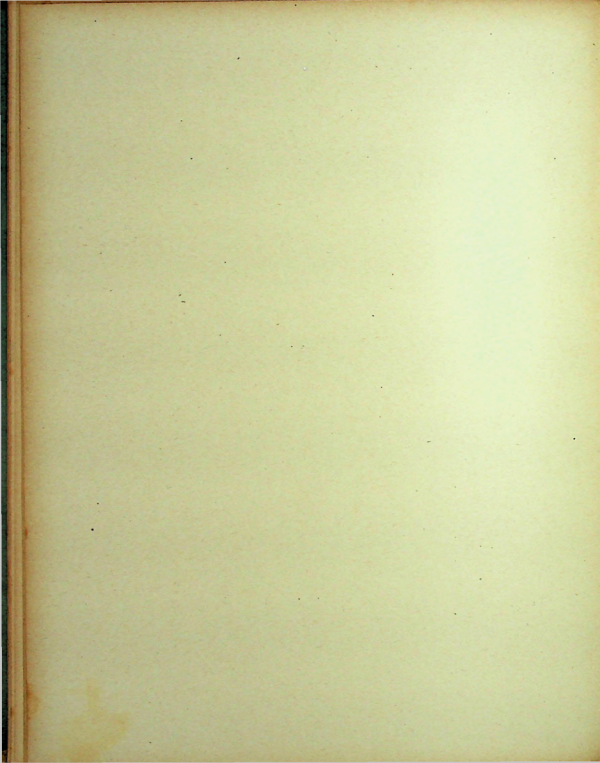
### C

- 20 - Como foi iniciado o povoamento de Paranaguá? ✕
- 21 - Qual a notícia que atraiu grande número de colonos?
- 22 - Quem foi Gábel de Lara?
- 23 - Quando Paranaguá foi elevada à categoria de vila?
- 24 - Os portugueses também se estabeleceram no planalto?
- 25 - Quando foi elevado o pelourinho de Curitiba?
- 26 - Quem foi Ébano Pereira?
- 27 - Por que Mateus Leme se destaca na história do Paraná?
- 28 - Quando Curitiba foi elevada à categoria de vila?

D

- 29 - Qual o seu antigo nome?
- 30 - Qual o objetivo das bandeiras e bandeirantes?
- 31 - Eram movimentos oficiais ou espontâneos?
- 32 - O Paraná atraiu muitas bandeiras?
- 33 - Cite bandeirantes famosos que estiveram no Paraná.
- 34 - Qual a região do Paraná mais visada pelas bandeiras?
- 35 - Quais as grandes conseqüências do movimento bandeirante?

X



### III

## DEFINIÇÃO TERRITORIAL

### VIDA SOCIAL DO PARANÁ NOS PRIMEIROS TEMPOS

Paranaguá, centro de mineração do ouro, havia recebido tôda sorte de homens aventureiros que procuravam riqueza fácil e rápida. A vila de Nossa Senhora do Rosário tornara-se populosa e agitada.

A extração, o comércio, cunhagem, barragem e quintagem do ouro davam à vila feições características.

Reinava certa instabilidade e turbulência ao lado da vida austera dos antigos moradores e pessoas sensatas, os chamados "homens bons" de Paranaguá, chefes de famílias que reclamavam a instituição da comarca, a fim de que houvesse melhor, pronta e eficaz justiça e ainda ordenação no povoado.

Esparsos pelo planalto, os moradores de Curitiba se haviam condensado em grandes famílias vivendo, mais ou menos, isoladas, realizando uma economia doméstica e delineando perfeitamente no Paraná uma sociedade, cujo fundamento era a família *patriarcal rural*.

### NOVAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

Preocupados, a princípio, apenas com a exploração e mineração do ouro, os paranaenses logo sentiram a necessidade econômica da criação do gado que os campos do planalto favoreciam.

Quando os veios auríferos não mais apareciam ou produziam em abundância, mesmo se pode dizer que o ouro no litoral paranaense não foi copioso, êles se entregaram com ardor a novas ocupações.

Surgem, no planalto curitibano, fazendas extensas de gado, fixando a população à terra, onde famílias patriarcais exerciam as suas atividades de maneira independente, até da autoridade portuguesa, defendendo-se de ataques indígenas e quase sempre indiferentes ao desenvolver de outros núcleos de povoação.

Também já nessa época os paranaenses extraíam o mate, cujo uso era remoto nas terras da América. Planta nativa de fácil industrialização, foi uma das nossas primeiras fontes de trabalho e riqueza.

Os pinhais por sua vez despertavam a atenção dos curitibanos, a extração da madeira veio a ser fator preponderante na vida econômica do Paraná.

Era o meio físico, de campos e matas, possibilitando aos paranaenses atividades econômicas.

## VIAS DE PENETRAÇÃO E ESTRADAS

Tiveram grande importância no nascimento e evolução das povoações coloniais brasileiras e paranaenses, as vias de penetração, algumas pré-cabralinas, isto é, anteriores à chegada de Pedro Álvares Cabral, marcadas pelas repetidas passagens dos indígenas em suas costumeiras andanças quer no litoral, como nos planaltos.

Uma delas é o caminho famoso do *Peabiru* ou de São Tomé, atravessando terras do Paraná, percorrido por inúmeras expedições, como aquela de Álvaro Nunes Cabeza de Vaca.

A presença da serra do Mar constituiu obstáculo a intenso povoamento vindo do litoral, mas seguindo picadas, como as do Arraial Grande, Atuba, Cubatão, os mineradores de Paranaguá atingiram, serra acima, o planalto curitibano. Por elas, nos primeiros tempos, se fizeram as relações entre Paranaguá e Curitiba.

Mais tarde, as estradas de Itupava, do Arraial, da Graciosa, eram percorridas pelos curitibanos rumo ao mar e pelos parnanguaras subindo a serra.

As estradas, sobretudo aquelas mandadas construir quando Portugal resolvera tomar posse das terras meridionais da colônia até ao rio da Prata, dando ao Brasil fronteiras naturais, representaram papel transcendente na evolução dos povoados sulinos.



Assim, por exemplo, a estrada de Lágua, ligando o Rio Grande do Sul a São Paulo, através de Curitiba, dela fêz o centro político, social e econômico do planalto, ponto convergente de onde se irradiou o povoamento dos sertões do Paraná.

Paranaguá começara a perder a sua influência no desenvolvimento do planalto.

### TROPAS E TROPEIROS

Iniciada a criação do gado no planalto curitibanó, aberta a estrada de Laguna, o Paraná nitidamente se caracterizou como zona de trânsito, vendo passar pelos seus caminhos as tropas que, dos campos do Viamão, no Rio Grande do Sul, seguiam para as feiras de Sorocaba, em São Paulo.

Muitas, de centenas de cabeças, como aquelas tropas de mulas do tropeiro povoador Cristóvão Pereira de Abreu, transitaram pelos campos do Paraná.

Cristóvão Pereira de Abreu foi, na história do povoamento dos campos sulinos, da criação e comércio do gado, figura dominante.

Em Curitiba era realizado o comércio do gado; ali se abasteciam de carnes os bandeirantes paulistas e os mineradores das Gerais.

Por onde passavam as tropas, caminhava também o povoamento. Ao longo das estradas do gado surgiram novos povoados. Antigas cidades do Paraná nasceram à beira dos caminhos das tropas.

Lapa, Campo-Largo, Palmeira, Ponta-Grossa, Castro, Piraiá, Jaguariaíva, Itararé, tiveram a sua origem em antigas fazendas, pousos e currais das tropas que passaram pelo Paraná.

### CÂMARAS MUNICIPAIS E CAPITÃES-GERAIS

Nos tempos coloniais, instaladas as vilas, logo se organizavam, por eleição entre os homens bons, as suas *Câmaras Municipais* que, no Brasil-Colônia, representaram exemplo vivo da influência e preponderância grupal localista.

Ativas e independentes, as câmaras municipais arrogavam-se as maiores atribuições, mesmo se revestindo de poderes próprios aos capitães-mores e governadores de capitânias e chegando, não poucas vezes, a suspendê-los de suas funções, sem consulta ao governo da Metrópole.

Quando Portugal resolveu efetivar a política de fronteiras e assegurar a posse do território sul-brasileiro, foi necessário abater o orgulho e autonomia das câmaras municipais, tarefa que desempenharam, no início do século 18, num momento de acentuado militarismo, os *Capitães-Generais* governadores das capitânias.

Eles realizaram a política portuguesa, assim, não coube mais a iniciativa local e particular, mas o domínio do Estado.

Acabaram-se as bandeiras, apareceram as *expedições militares povoadoras*, explorando regiões desconhecidas e isoladas, com o fito de povoamento e posse de fato da terra.

Era o instante em que o Estado organizado, com a sua autoridade, assegurava a terra para si.

## A POLÍTICA DE FRONTEIRAS

A chamada política de fronteiras desenvolvida na colônia portuguesa da América que, por mais de cento e cinqüenta anos agitou o Sul brasileiro, teve início no decreto do rei de Portugal que ordenava a posse das terras situadas de Laguna, em Santa Catarina, até às margens do rio da Prata.

Elas não lhe pertenciam pelo Tratado de Tordesilhas, mas se caracterizaram no correr de dois séculos, como faixa neutra, entre a expansão portuguesa ao sul e a espanhola subindo o rio da Prata, constantemente palmilhada por incursões de portugueses e castelhanos.

Em consequência do decreto real e da orientação portuguesa de fronteira natural ao Brasil, é fundada por D. Manuel Lôbo, à margem esquerda do Prata, a Colônia do Santíssimo Sacramento.

Foi o toque de repetidas guerras entre portugueses e castelhanos de Buenos Aires, pela posse da colônia, que culminaram com a conquista do Rio Grande do Sul e influenciaram, de modo atuante, a vida das terras meridionais do Brasil.

Também se voltou para o ocidente a política de fronteiras de Portugal, a fim de que fosse assegurada a conquista territorial bandeirante. Foi o tempo em que os capitães-generais realizaram a exploração e povoamento dos sertões do Paraná.

## O TRATADO DE MADRI

Por questões de fronteiras, viviam as colônias portuguesas e espanholas da América do Sul, em constante sobressalto.

A Espanha, visando a impedir maior expansão portuguesa, e Portugal, desejoso de garantir as conquistas já efetuadas, procuraram após anos de lutas e dissabores, resolvê-los diplomaticamente.

Das conversações, em que se distinguiu na defesa dos interesses do Brasil o paulista Alexandre de Gusmão, resultou o segundo grande tratado de limites e fronteiras, o *Tratado de Madri*, cujo fundamento era o direito de ocupação e posse.

A terra seria de quem, de fato, tivesse a posse e efetivo domínio.

Assim poderiam ser legitimadas as conquistas territoriais portuguesas, além dos limites do Tratado de Tordesilhas. O pequeno país litorâneo passaria ao gigante continental de hoje.

O Paraná, a não ser em estreita faixa do litoral, pertencente à Espanha, graças, primeiro, ao arrôjo dos bandeirantes, depois, à pertinácia e valor dos capitães-generais e seus comandados, seria, pelo Tratado de Madri, incorporado à Coroa portuguesa.

### A MISSÃO DO MORGADO DE MATEUS

Era necessário ao cumprimento do Tratado de Madri, embora não tivesse êle perdurado em virtude de guerra entre Portugal e Espanha, e ganho de causa aos portugueses na delimitação das fronteiras do Brasil, que êles, além da posse, tivessem o efetivo domínio da terra pretendida.

Assim, como decorrência e imposição do Tratado de Madri, se lançou a política portuguesa à conquista definitiva das fronteiras do Brasil, rumo a dois pontos capitais: o Prata e o Paraguai. Lá, as terras meridionais do Rio Grande do Sul, aqui, o ocidente do Paraná.

Desempenhar difícil missão veio ao Brasil, como capitão-general da restabelecida capitania de São Paulo, D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Morgado de Mateus, em Portugal.

Homem forte, não teve dúvidas em fazer cumprir o programa que traçara o Marquês de Pombal, ministro português.

Ao Paraná enviou seu lugar-tenente, D. Afonso Botelho de Sampaio e Sousa, de igual fibra do capitão-general, o Morgado de Mateus.

São organizadas e despachadas ao oeste do Paraná as primeiras expedições, outras se sucedem, abrindo sertões e varando rios até aos espanhóis do Paraguai.

D. Luís Antônio manda construir, e Afonso Botelho é fiel executor, a Fortaleza da Barra de Paranaguá, para a defesa do litoral e possível amparo do interior.

Ao sertão do Paraná saíram as companhias de Domingos Lopes Cascais, Estêvão Ribeiro Baião, Francisco Nunes, Antônio da Silveira Peixoto, Bruno Filgueiras, Francisco José Monteiro, Francisco Martins Lustosa e outros. Acompanhando a expedição de Francisco José Monteiro, seguira Cândido Xavier de Almeida e Sousa, o descobridor dos campos de Guarapuava.

O Paraná deve ao Morgado de Mateus, os passos decisivos da sua definição territorial. Depois d'êle cessou o ardor das expedições exploradoras e povoadoras; somente com a vinda da família real portuguesa ao Brasil, novamente se cogitou da conquista e ocupação dos imensos campos descobertos.

### A EXPEDIÇÃO DE DIOGO PINTO DE AZEVEDO PORTUGAL

Depois do enorme trabalho de D. Luís Antônio Mourão na determinação das fronteiras meridionais do Brasil, desde o fracasso da expedição de D. Afonso Botelho aos campos de Guarapuava, houve um período de cêrca de quarenta anos em que ficaram êles no abandono. Só a presença da família real no Brasil e a gravidade dos acontecimentos da fronteira do Prata, provocaram a ocupação efetiva dos campos de Guarapuava.

Por ordem do príncipe regente D. João, foi organizada real expedição povoadora, cujo comando foi entregue ao sargento-mor do Regimento de Milícias de Curitiba, Diogo Pinto de Azevedo Portugal, em alto reconhecimento de serviços já prestados.

A expedição tinha como objetivo o povoamento dos campos de Guarapuava, de maneira pacífica, evitando choques com a indiada que, pelo contrário, deveria ser catequizada, instruída e protegida. Foi capelão da tropa expedicionária o padre Francisco das Chagas Lima que, pelo trabalho apostólico desenvolvido entre os indígenas de Guarapuava, pode ser considerado um dos grandes missionários do Brasil.



A expedição deveria fundar novas povoações, distribuir terras, realizar a abertura de estradas de ligação, enfim, ocupar de maneira ativa as terras paranaenses de Guarapuava.

Chegados aos campos de Guarapuava, após viagem difícil e atribulada, quando obstáculos surgiam a todo momento, Diogo Pinto de Azevedo Portugal fez iniciar o povoamento e cumprir as determinações recebidas, apesar da intriga e divergência de muitos.

### OS CAMPOS DOS BITURUNA

Habitados por bravias tribos indígenas, principalmente dos Bituruna, estavam os campos de Palmas sem efetiva ocupação branca e portuguesa, até os meados do século dezenove.

Atraíram duas expedições que, a igual tempo, os alcançaram, a de Pedro Siqueira Côrtes e Joaquim Ferreira dos Santos, fato êste que determinou, a princípio, lutas entre os homens das expedições pela posse de melhores terras.

O perigo de ataques indígenas fêz resolver, por decisão de árbitros que dividiram as terras, a situação de disputas dos expedicionários entre si e ainda com aquêles que chegaram mais tarde.

Após tôdas estas expedições estavam firmados os limites ocidentais do Paraná, barrancas do grande rio Paraná, conquistados e povoados os campos de Guarapuava e Palmas, que compreendiam terras pertencentes às antigas missões espanholas do Guairá.

## L E I T U R A

### O USO DO MATE

O uso do mate na América do Sul é conhecido desde os primeiros tempos da sua descoberta. A palavra *Mate*, é uma adulteração de *Mati*, vocábulo quíchua (índios do Peru), que significa cuia ou porongo, que é o recipiente onde a infusão de fôlhas de erva é feita; êste nome passou do recipiente ao conteúdo, adotando-se em tôda a América do Sul a palavra mate para significar a bebida feita com erva. No Peru os conquistadores espanhóis o encontraram em grande uso entre os nativos, e especialmente entre os trabalhadores empregados na exploração das minas e em outros serviços que requeriam grande esforço físico. No Paraguai, os jesuítas o encontraram em uso entre os indígenas, que nas longas marchas e trabalhos rudes o usavam, mascando as fôlhas verdes, das quais recebiam extraordinário alento.

Na parte sul do Brasil era conhecido e usado pelos índios que reverenciavam o CAAÁ, palavra que em língua guarani quer dizer "erva excelente".

O preparo do mate obedece a duas fases distintas: a primeira, na mata ou, mais prôpriamente, no erval e nos secadores do interior; a segunda, nos engenhos de beneficiar a erva.



A *colheita*, que é feita de maio a outubro, consiste em cortar os ramos mais frondosos e portanto mais maduros dos pés de ervamate. Logo após colhida, a erva é *sapecada*, isto é, sofre uma ligeira tostação à chama viva de fogo de lenha feito com madeiras especiais. Esta tostação tem por fim evitar a fermentação das fôlhas.

A *secagem ou essicação* é a operação mais importante que o mate sofre, e por ela adquire o aroma agradável que tanto o distingue. Ela se opera em aparelhos especiais chamados "barbacua" nos quais sòmente os raminhos e fôlhas são admitidos. A *trituração* é a operação seguinte, que tem lugar em uma espécie de batedores com facas de madeira duríssima, que trituram a erva e os ramúsculos até a grossura desejada. Na *ventilação e separação*, as poeiras, cascas

e outros corpos estranhos são então eliminados, e, ensacada, a erva é remetida aos engenhos para o seu completo beneficiamento e formação dos tipos adequados aos diversos mercados mundiais.

Há duas maneiras principais de preparar o mate, uma é sob a forma de chá, outra, mais primitiva, é a de usar-se como chimarrão. Esta é a infusão de erva quase pulverizada e que vem para esse fim já pronta, é o sistema pelo qual milhões de sul-americanos, costumam usá-lo, repetidas vezes por dia; prepara-se utilizando-se de uma *cuia* e de uma *bomba*. A *cuia* é um recipiente feito geralmente de uma cucurbitácea seca, cuja casca consistente, presta-se bem a este mister. A *cuia* é geralmente ornada de um aro metálico na sua boca e por vezes provida de um pé também metálico. Quase sempre ambas as guarnições são de prata pois este metal tem, além de outras qualidades, a de ser tido como microbicida. O mate é colocado na *cuia* em cerca da metade da sua capacidade, e com a *bomba* é ligeiramente comprimido, "cevado", como se costuma dizer. A *bomba*, que é também metálica, quase sempre de prata, às vezes com o bocal de ouro, tem a sua parte inferior arredondada, chata e provida de pequenos furos que, permitindo a absorção do líquido, impedem todavia a passagem de fragmentos de erva. Uma vez comprimida a erva e colocada a *bomba* de modo que toque o fundo da *cuia*, deita-se nela água bem quente, mas não fervendo, e absorve-se a infusão, repetindo a colocação de água e absorções várias vezes. Geralmente uma *cuia* carregada pela metade de erva, dá perfeitamente dez a quinze vezes a sua carga de água quente.

*Instituto do Mate do Paraná*

## NHÔ JOÃO, O TROPEIRO

Por essas noites de frio  
Batidas de água e tufão,  
Num rancho, à beira do rio,  
Eu me quedo, horas a fio,  
A conversar com nhô João.

É um velho... Rude e trigueiro,  
Envolto num ponche azul,  
Fumando, a olhar o braseiro,  
Começa o antigo tropeiro  
Contar-me histórias do Sul.

Ao longe, muito a distância,  
Os tempos perdem-se já,  
Em que êle, todo arrogância,  
Ia de estância em estância,  
Buscando tropas por lá.

Na sua bêsta tordilha  
De manchas brancas no pé,  
Nhô João, tocando a tropilha,  
Cortava muita coxilha  
Para chegar em Bajé!

E lá, de tais cercanias,  
Êle, viril rapagão,  
Puxava, dias e dias,  
Pontas de mulas bravias,  
Para vender no sertão.

Que linda! Assim que a alvorada  
Tingia o céu de listrões,  
Já a tropa, a xucra manada,  
Trotava ao longo da estrada,  
Por entre a grita dos peões:

*Eh mula! Vorta! Caminha!*  
E os ecos vibravam no ar,  
Enquanto, lerda e sòzinha,  
Ia na frente a madrinha  
Com seu cincerro a tocar...

Que vida simples e honesta!  
Como era bom, no verão,  
Ter o descanso da sesta,  
No meio duma floresta,  
A beira dum ribeirão!

A tarde, quando caía  
A sombra crepuscular,  
Era de ver a alegria,  
Com que a peonada escolhia  
Um sítio para acampar.

Então, descendo as bruacas,  
Queimados, fulvos de suor,  
Sôbre improvisas estacas,  
Erguiam logo as barracas,  
Soltando a tropa em redor...

Ah, nada mais delicioso,  
Ah, nada mais doce então,  
Do que, na calma do pouso,  
Ter um churrasco cheiroso,  
E a cuia de chimarrão!

E entre histórias de rodeio,  
Contos, gauchadas febris,  
Aos poucos, num devaneio,  
Sôbre os pelegos do arreio,  
Dormir um sono feliz...

E o velho, a voz rude e grossa,  
Relembra com efusão:  
"Que viaje... Eta festa — nossa! —  
No dia em que Ponta Grossa  
Despontava no espigão..."

A história sempre êle acaba,  
Pintando, com muita côr,  
As feiras de Sorocaba,  
Onde encontrara uma "diaba"  
Por quem morrera de amor...

Assim, lembrando o passado,  
Nhô João, com frio desdém,  
Termina desconsolado:  
"Hoje tá tudo mudado!  
Vem tudas as coisa no trem..."

E ali, no humilde pardieiro,  
Envolto num poncho azul,  
Saudoso, olhando o braseiro,  
Conta-me o velho tropeiro  
Longas histórias do Sul...

PAULO SETÚBAL

## SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

### A

- 1 - Qual a descoberta que atraiu muitos aventureiros à zona de Paranaguá?
- 2 - No tempo do ouro reinava ordem e calma em Paranaguá?
- 3 - Por que os "homens bons" de Paranaguá reclamavam a instituição da comarca?
- 4 - Quem eram os chamados "homens bons"?
- 5 - Como viviam as famílias no planalto curitibano?
- 6 - O que significa "patriarcal rural"?
- 7 - Quais as atividades econômicas dos homens do planalto?
- 8 - Os campos favoreciam a criação do gado?
- 9 - A erva-mate é planta nativa da América?
- 10 - Por que os pinhais de Curitiba despertavam a atenção dos curitibanos?
- 11 - O meio físico exerceu influência em nossas primeiras atividades econômicas?

### B

- 12 - As vias de penetração influenciaram a vida dos povoados coloniais?
- 13 - Quais as que levavam de Paranaguá a Curitiba?
- 14 - Qual a importância da estrada de Laguna?
- 15 - O Paraná foi zona de trânsito das tropas de gado?
- 16 - De onde vinham e para onde se dirigiam essas tropas?
- 17 - O que fez Cristóvão Pereira de Abreu?
- 18 - A criação e o comércio do gado favoreceram o povoamento do planalto curitibano?
- 19 - O que sabe acerca da origem de antigas cidades do Paraná?
- 20 - Cite algumas cidades do Paraná que foram caminhos das tropas de gado.

### C

- 21 - As câmaras municipais representavam a influência e o poder local?
- 22 - Quem abateu o orgulho e a independência das câmaras municipais do Brasil?
- 23 - Em lugar das bandeiras, quais as expedições que surgiram no século 18?
- 24 - Qual o objetivo dessas expedições?
- 25 - Quem fundou a Colônia do Sacramento e por quê?

- 26 — A fundação da Colônia do Sacramento foi motivo para lutas entre portugueses e castelhanos?
- 27 — Por que os capitães-generais se preocuparam com a exploração e povoamento do sertão do Paraná?
- 28 — Quando e por que foi celebrado o Tratado de Madri?
- 29 — Por êle Portugal legitimou as conquistas bandeirantes?
- 30 — Qual a missão do Morgado de Mateus?
- 31 — Quem foi Afonso Botelho de Sousa?
- 32 — Quem mandou construir a Fortaleza da Barra de Paranaguá?
- 33 — Cite expedições militares povoadoras do sertão do Paraná.
- 34 — Quem descobriu os campos de Guarapuava?
- 35 — Qual a expedição povoadora dos campos de Guarapuava?
- 36 — Qual o missionário dessa expedição?
- 37 — Quais os indígenas que, principalmente, habitavam os campos de Palmas?
- 38 — Quais as expedições que chegaram aos campos de Palmas?
- 39 — Por que houve lutas entre os homens dessas expedições?
- 40 — Após tôdas essas expedições, estava o Paraná definido territorialmente?

## IV

# EMANCIPAÇÃO POLÍTICO- ADMINISTRATIVA

### PROGRESSO DA COMARCA DE PARANAGUÁ

Criada por volta de 1723, a conselho do ouvidor-geral Pires Pardinho e a rôgo dos cidadãos, a comarca de Paranaguá aumentou consideravelmente pela expansão territorial do século 18, por ocasião da marcha das expedições militares povoadoras, em procura das fronteiras do Paraná que levaram às barrancas do grande rio.

As atividades do planalto, criação e comércio do gado, lavoura florescente, a par das primeiras indústrias extrativas — erva-mate e madeira, ainda a exploração do ouro no litoral — deram à comarca esplêndido desenvolvimento econômico. X

Curitiba e Paranaguá eram os grandes centros, já se avizinhandos a preponderância daquele na vida histórica do Paraná.

No surgir do século dezenove, estava a comarca de Paranaguá, pelo seu intenso progresso, capacitada à autonomia político-administrativa.

### OS IDEAIS DE EMANCIPAÇÃO DA COMARCA

Realizada a definição territorial brasileira, cansadas do pesado militarismo e abafamento das liberdades locais, exercidos pelos capitães-generais, as câmaras municipais do Brasil, no começo do século dezenove, retomaram em movimento antiportuguês, o seu antigo poder e prestígio.

Era o espírito localista brasileiro em antagonismo à Metrópole. Em Paranaguá também vingaram os ideais de autonomia local, pregando a separação da comarca da capitania de São Paulo.

De outro lado, o progresso da comarca exigia a autonomia político-administrativa.

O comércio e a indústria estavam como que amarrados pela falta de administração local; nem mesmo as rendas públicas eram fiscalizadas de maneira satisfatória.

Tais causas, somadas a outras, como a prepotência e hostilidade de representantes do governo da capitania, levaram os paranaenses, sua câmara municipal na vanguarda, depois todos os paranaenses, a lutar pela emancipação da comarca de Paranaguá. Representaram junto ao príncipe regente D. João, solicitando a desejada autonomia, mas não foram atendidos, uma vez que esta separação contrariava os interesses político-econômicos de São Paulo, de maior influência na época.

### TENTATIVAS DE EMANCIPAÇÃO

Em virtude de revolução havida em Portugal, foram os seus reis, conselhos e câmaras obrigados a jurar as bases da Constituição portuguesa, baixadas pelas Côrtes de Lisboa. <sup>^</sup>

Em Paranaguá se marcou data, hora e local, 15 de julho de 1821, para o juramento das bases da Constituição e fidelidade ao governo, pelas autoridades, tropa e povo. <sup>X</sup>

Patriotas do Paraná, defensores da autonomia da comarca, arquitetaram proclamar a sua emancipação de São Paulo, quando no ato do juramento estivessem todos reunidos. <sup>note</sup>

<sup>X</sup> Floriano Bento Viana, sargento do Regimento de Milícias, o mais valoroso e entusiasta, deveria lançar em praça pública tal proclamação.

No dia aprazado, juradas as bases da Constituição e fidelidades, Floriano Bento Viana, adiantando-se de sua tropa, requer a nomeação de um governo provisório autônomo. <sup>X</sup>

Autoridades presentes declaram-se contrárias. Os separatistas permanecem mudos, não se manifestando publicamente em apoio de Floriano Bento Viana e fracassa a sua tentativa de emancipação da comarca de Paranaguá de São Paulo. <sup>X</sup>

## AUTONOMIA DO PARANÁ

Três grandes personagens devem ser destacadas na história da campanha autonomista da província do Paraná: Floriano Bento Viana, Manuel Francisco Correia Júnior e o tropeiro Francisco de Paula e Silva Gomes que deram o melhor do seu entusiasmo e trabalho em favor da emancipação da comarca.

Após o fracasso da tentativa de Floriano Bento Viana, não arrefeceu o ardor dos paranaenses pela autonomia provincial, para maior progresso e desenvolvimento do Paraná.

Passados os dias momentosos da Independência do Brasil, voltaram os homens de Paranaguá e tôda a comarca a solicitar, em repetidas petições, a emancipação político-administrativa de sua terra.

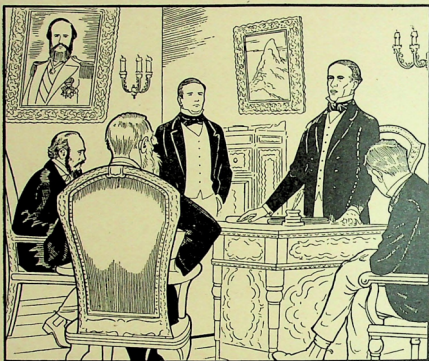
Motivos de ordem nacional vieram fortalecer as razões paranaenses e possibilitar efetivamente a realização dos seus ideais.

Assim, a necessidade de defesa das fronteiras do Brasil com as repúblicas Argentina e do Paraguai, o receio de propagação da revolta dos Farrapos e a revolução liberal de Sorocaba que, agitando a província de São Paulo em oposição à política imperial, não contou com o apoio dos paranaenses que permaneceram neutros, falaram a favor da emancipação do Paraná.

Depois de dez anos de acirrados debates e discussões no Parlamento do Império, em 29 de agosto de 1853, finalmente, passava o projeto de lei de Honório Hermeto Carneiro Leão, futuro Marquês do Paraná, dando à 5.<sup>a</sup> Comarca da Província de São Paulo a sua tão almejada autonomia político-administrativa.

### A INSTALAÇÃO DA PROVÍNCIA DO PARANÁ

Criada, pelo projeto do Senador Carneiro Leão, a província do Paraná, após meio século de propaganda e luta, atendendo a relevantes motivos de ordem superior, foi ela solenemente instalada a 19 de dezembro de 1853.



Os seus limites e fronteiras eram os da antiga 5.<sup>a</sup> Comarca da Província de São Paulo.

Primeiro presidente da província do Paraná foi o Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos que, trazendo importantes e graves encargos, a todos soube cumprir em dias decisivos da história paranaense.

Pôde o Paraná, por rara felicidade, contar com o trabalho, energia e capacidade do Conselheiro Zacarias, que pôs a funcionar a máquina político-administrativa da nova província, promovendo também novas realizações materiais e culturais.

Constituída a Assembléa Legislativa Provincial, foi sua primeira lei aquela que, em 26 de julho de 1854, estabelecia a cidade de *Curitiba*, Capital da Província do Paraná.

Independente e organizado, o Paraná iniciou a sua ascensão no cenário nacional.

### OCUPAÇÃO DA TERRA PELO PROPRIETÁRIO PRIVADO

Continuando as épicas bandeiras e expedições militares povoadoras que deram e garantiram a extensão territorial brasileira, processou-se, agora silenciosa, mas contínua e efetiva, fase nova do movimento de conquista e ocupação da terra. ✕

Aos poucos o homem se infiltra nas grandes sesmarias, cultiva a terra esquecida e ergue a sua choupana no sítio deserto. ✕

É o tempo do esforço pessoal do homem, estabelecendo a sua propriedade privada sobre a terra. Ele a procura, nela se fixa e desenvolve o seu trabalho cotidiano, aproveitando-a economicamente na lavoura e criação do gado. ✕

Não é o dono da terra, ela é do sesmeiro que a obteve nos primeiros tempos do povoamento, mas pelo direito de posse, uso e efetivo domínio, vê reconhecida a sua ocupação. *mas*

Arraigado à terra, vivendo nas atividades do campo, ele realiza uma economia de tipo rural, predominante no século dezoito. †

### O PARANÁ NAS QUESTÕES INTERNACIONAIS DO IMPÉRIO

O Paraná, comarca ou província, esteve presente a todas as grandes questões da política internacional, sustentadas pelo Segundo Império, prestando a sua contribuição material e humana.

Participaram os paranaenses das campanhas da intervenção imperial nos negócios do Prata e, quando da guerra do Paraguai, a nova província do Paraná, relativamente, foi das que enviaram maiores contingentes de tropas, sofrendo bem de perto os azares da guerra.

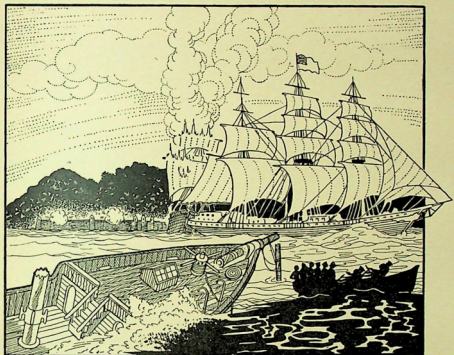
O caso internacional em que ressalta a participação do Paraná, foi o do combate ao navio inglês Cormorant que, ferindo a soberania nacional, violou a barra de Paranaguá, chegando mesmo a penetrar no porto.



A questão teve origem na proibição do tráfico de escravos, celebrada no tratado de reconhecimento de nossa independência, em acôrdo com a Inglaterra. Mas tal proibição não foi respeitada, resolvendo o governo inglês patrulhar os mares, a fim de apresar navios negreiros.

Uma galera e três bergantins brasileiros realizavam o tráfico proibido. Escapando à perseguição dos ingleses, refugiam-se na baía de Paranaguá, onde, dentro da barra, são alcançados e aprisionados pelo cruzador Cormorant da marinha inglesa.

Fracassadas as tentativas de parlamentação, os parnanguaras, ofendidos os brios nacionais, armam os canhões da Fortaleza da Barra e abrem fogo.



Trava-se rápido tiroteio entre a fortaleza e o cruzador, este foge, incendiando duas das embarcações brasileiras e levando a galera traficante.

Movimenta-se a política internacional do Império e, em consequência do caso Cormorant, é votada e sancionada a lei Eusébio de Queirós, que proibia, taxativamente, o tráfico de escravos.

O episódio Cormorant, vivido pelos paranaenses, representou momento decisivo na história da abolição da escravatura no Brasil, pois que, proibido o tráfico, se esgotou a grande fonte da escravidão negra.

## O TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL

Desde a época da introdução da cana-de-açúcar no Brasil, quando faltaram braços à sua lavoura e ao trabalho nos engenhos, recorreram os portugueses ao trabalho escravo, primeiro do indígena, mas êle não se adaptou e foi trazido à nossa terra o negro africano.

Durante os tempos coloniais, o Brasil teve a sua vida econômica baseada no trabalho escravo do negro importado, situação que perdurou até os dias do Segundo Império.

Aos milhares entraram êles no Brasil, principalmente nas zonas da cultura da cana-de-açúcar, contribuindo para a nossa formação étnica.

Muito logo, no entanto, a escravidão negra passou a ser olhada como terrível mancha na vida social brasileira.

Teve início a campanha abolicionista que, no século passado, mais se avivou com a proibição do tráfico escravo que provocou o caso do cruzador inglês Cormorant, em Paranaguá.

Seguindo a lei Eusébio de Queirós, conseguiram os abolicionistas fôsem baixadas as leis do Ventre-Livre e da Libertação dos Sexagenários, etapas da vitoriosa campanha que culminou na lavratura da *Lei Aurea*, concedendo geral abolição do cativo negro no Brasil.

### A PARTICIPAÇÃO DO PARANÁ NA CAMPANHA ABOLICIONISTA

O contingente negro não foi grande no Paraná, pois que, a princípio, aqui não se desenvolveram as tradicionais atividades econômicas da colônia brasileira, que necessitavam de inúmeros braços escravos, como a cultura da cana-de-açúcar.

Houve, todavia, pretos escravizados pelas fazendas e lavouras do Paraná.

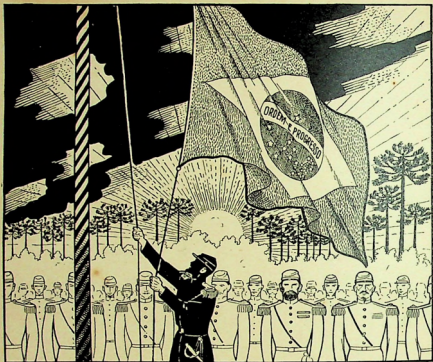
Acesa a campanha abolicionista, os paranaenses a ela se entregaram. Apareceram, em Paranaguá e Curitiba, clubes abolicionistas, pregando a libertação da escravaria negra. A imprensa do Paraná



se colocou a serviço da campanha, destacando-se o trabalho dos jornalistas Barros Júnior e Fernando Simas, este último, ardoroso batalhador de memoráveis lutas em favor do Paraná e do Brasil.

Os senhores de escravos espontaneamente libertavam os seus, os negros fugidos encontravam patronos à sua defesa. Tal animação empolgou a todos, que o dia 13 de maio de 1888 foi saudado, em terras paranaenses, entre as maiores festas e alegrias.

Pelo pequeno número de escravos que contava, a província do Paraná não sofreu tanto o profundo baque e desequilíbrio econômico trazido pela abolição do trabalho escravo no Brasil, ainda mais que colonos imigrantes já procuravam as suas terras.



## A PROPAGANDA REPUBLICANA NO BRASIL

No decorrer da história do Brasil, muitas vezes, deparamos o ideal republicano que, nos últimos tempos do Segundo Império, foi intensificado pelo desejo de renovação política e descentralização governamental.

Vários motivos animaram a propaganda republicana no Brasil: o descontentamento das classes armadas que reclamavam contra a indiferença do governo imperial; a atitude de fraqueza e desmandos do governo na questão religiosa; as lutas políticas entre os dois grandes partidos da monarquia, o Conservador e o Liberal; outros, agravados pelo desequilíbrio econômico-financeiro, ocasionado pela abolição da escravidão negra.

Surge novo partido político, o *Republicano*, cujas fileiras foram engrossadas pelos antigos senhores de escravos, descontentes da propulção da Lei Áurea.

O Partido Republicano veio coordenar a propaganda e a ação republicanas, realizada através da imprensa, clubes e conferências.

O exército era o principal foco dos ideais republicanos. Professores da Escola Militar pregavam abertamente a República.

Acontecimentos políticos a precipitaram e, num golpe militar, foi a República do Brasil proclamada em 15 de novembro de 1889.

Homens do Paraná, como o Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura, tiveram participação ativa na propaganda da República brasileira.

Pronunciou êle várias palestras e conferências, realizou viagens e trabalhou na imprensa, conquistando para o Partido Republicano inúmeros adeptos.

Outros paranaenses também se destacaram na propaganda local da república: Manuel Correia de Freitas, Mendes Gonçalves, Otávio do Amaral, Emiliano Pernetta e tantos que, com o seu ardor e patriotismo, procuraram dias melhores para o Brasil e o Paraná.

Proclamada a república, os paranaenses a aceitaram, instalando no Paraná o regime de governo republicano federativo.

## O GOVERNO REPUBLICANO NO PARANÁ

Ao tempo da Proclamação da República, era presidente da província do Paraná o Conselheiro Jesuíno Marcondes que, por ordem do Marechal Deodoro da Fonseca, entregou o governo ao General Francisco Cardoso Júnior, comandante das tropas aquarteladas no Paraná.

Vários presidentes se sucederam no governo provisório do Estado, até que, passados os dias instáveis da Proclamação da República, foram realizadas as eleições que apresentaram o primeiro governo eleito do Estado, e o Congresso Constituinte que deu ao Paraná a sua primeira Constituição republicana.

No entanto, êste governo não teve duração, uma vez que, apoiando o golpe do Marechal Deodoro na esfera federal, pouco depois foi deposto.

Instalada uma junta governativa, ela mandou proceder a novas eleições à Assembléia Legislativa que, então, elaborou a segunda Constituição republicana do Estado do Paraná.

Foram também eleitos, presidente e vice-presidente do Estado, os Doutôres Xavier da Silva e Vicente Machado.

## A REVOLUÇÃO FEDERALISTA

Os primeiros tempos da República brasileira foram agitados por malquerenças e lutas políticas, que culminaram na renúncia da presidência da nação pelo Marechal Deodoro da Fonseca e no governo do Marechal Floriano Peixoto, seu substituto, com a revolta da Armada e a "Revolução Federalista".

No Rio Grande do Sul era fervente a política local; dois partidos, castilhistas e federalistas, disputavam o mando.

Irrompe a revolução quando o governo federal de Floriano resolve intervir a favor de Júlio de Castilhos.

Os federalistas, sofrendo reveses a princípio, recobriram energias com a revolta da Armada, do Almirante Custódio de Melo, contra a presença do Marechal Floriano Peixoto na Presidência da República, por êle julgada ilegal e anticonstitucional.

O Almirante Custódio de Melo retira a sua frota do Distrito Federal e se reúne aos federalistas, em Santa Catarina, formando um governo provisório, o governo do Destêrro, antigo nome de Florianópolis.

Planejam e realizam a invasão do Paraná. Gumercindo Saraiva, comandando as tropas de terra; Custódio de Melo, com seus navios, vindo por mar, logo se apoderou de Paranaguá.

O Paraná recebeu de Floriano a tarefa de impedir a passagem das tropas revolucionárias, a fim de que houvesse tempo para o armamento e defesa de São Paulo e da Capital Federal.

O centro das forças legalistas foi concentrado na cidade da Lapa, sendo o comando delas entregue ao Coronel Antônio Carneiro, militar de reconhecida coragem e ação.



Nos meados de janeiro de 1894 apontaram, na Lapa, os federalistas, a 17 sitiaram a cidade que opôs tenaz resistência, escrevendo a mais heróica e importante página da história militar do Paraná.

Durante 24 dias esteve cercada a cidade. Esgotaram-se as munições e mantimentos, a população desesperava, tombavam em ação soldados e comandantes da praça. Ferido, morre o bravo defensor da cidade e da república, Gomes Carneiro.

Aos onze dias do mês de fevereiro rendeu-se o comando da Lapa.

Perdera-se a campanha, mas o Paraná cumprira a sua missão.

Fôrças legalistas de São Paulo desbaratam e vencem, por completo, os federalistas. Foge o Almirante Custódio de Melo; morre; em combate, Gumercindo Saraiva.

Destroçadas as tropas revolucionárias, Floriano sufoca a revolta, consolidando a república.

Ela deixou no Paraná trágicas conseqüências. Danos materiais, o progresso de uma cidade violentamente paralisado; perdas humanas inestimáveis, o episódio dramático dos fuzilamentos, como os do quilômetro 65, onde, por elementos legalistas, foram imoladas as vítimas da revolução, entre as quais o *Barão do Cérrro Azul*.

A Revolução Federalista dividiu a família política paranaense, pica-paus e maragatos, até que nova onda revolucionária, vinda do Rio Grande do Sul, lavou paixões e ódios existentes, inaugurando novos tempos na política do Paraná.

### A QUESTÃO E A CAMPANHA DO CONTESTADO

No surgir do século vinte, o Estado de Santa Catarina propôs ao Supremo Tribunal Federal uma ação contra o Estado do Paraná, na qual contestava limites, pretendendo territórios que dizia injustamente incorporados ao Paraná.

Era absurdo tal alegado e absoluta a falta de provas legais e históricas que o justificassem; no entanto, julgada a questão, embora a fragilidade dos argumentos catarinenses, lhes foi dado ganho de causa.

O Estado do Paraná opôs embargos à decisão que contrariava direitos seus, até que, por alvitre do governo federal, reuniram-se políticos e administradores dos estados interessados e foi sobre o território *Contestado*, em 1916, realizada partilha amigável, sendo recuados os limites do Paraná com o Estado de Santa Catarina.

Na região do território contestado pelos catarinenses, ainda sertão bravo e inculto, fanaticamente se haviam agrupado em torno de um falso monge, que adotara o nome de José Maria, centenas de caboclos.

Gente sem recursos, flagelada, ignorante que assim bem servia aos planos de mando do aventureiro que a conduzia, maravilhando, através de curas e milagres hipotéticos.

Ocorria no Contestado um aspecto regional do fenômeno de Canudos.

O bando reunido, armado, tornou-se inquieto e ameaçador, agitando povoados e populações vizinhas.

Batido em Santa Catarina, o bando internou-se no Paraná, onde, nos campos do Irani, José Maria resolveu estabelecer-se.

Contra êles foi enviada uma companhia da Polícia Militar do Estado do Paraná, sob o comando do valoroso Coronel João Gualberto Gomes de Sá. Ao se lhes aproximar, foi o destacamento atacado de surpresa pelos sertanejos armados de fuzis, sabres e espadas. Morrem em combate o Coronel João Gualberto e o chefe dos fanáticos, José Maria ou Miguel Lucena.

Ante a gravidade dos acontecimentos, ainda mais que a presença da polícia militar do Paraná, na região do Contestado, dava margem a dúvidas e intrigas políticas, o governo federal tomou a si o problema dos fanáticos, enviando forças do exército nacional.

Novamente se haviam retirado para Santa Catarina os homens de José Maria, onde lhes deram combate, por várias vezes, forças do exército, encontrando sempre feroz oposição.

Somente após vários combates e tentativas foram vencidos e dispersados os fanáticos. Encerrou-se a Campanha do Contestado, episódio triste de nossa história, que teve como causa maior a fome e a miséria.

## PRIMEIROS GOVERNOS REPUBLICANOS

Passada a tormenta da Revolução Federalista, consolidada a república brasileira, pela ação enérgica do Marechal de Ferro, puderam os estados duramente atingidos, restaurados os governos legais, retomar o ritmo político-administrativo que manteriam até a revolução de 1930.

No Paraná, voltaram ao governo os Doutôres Vicente Machado e Xavier da Silva. Este, por três vezes, ocupou a Presidência do Estado, destacando-se como administrador a quem o Paraná muito deve. Preocupou-se com as finanças, procurando sempre deixá-las equilibradas.

O Dr. Vicente Machado, homem público prestigioso já nos últimos tempos do Império que, ao ingressar no Partido Republi-

cano, foi uma das garantias da realização da república no Paraná, era, ao findar do século e alvorecer de outro, a figura dominante no cenário político paranaense.

Como ninguém, exerceu o predomínio político regional. Senhor absoluto, manobrou a política paranaense até a sua morte, projetando-se na vida nacional como senador da república.

## CORRENTES IMIGRATÓRIAS NO PARANÁ

O Paraná, pelas suas condições geográficas e possibilidades econômicas, tem sido uma terra de imigração.

Milhares de pessoas, vindas de fora, têm procurado nas terras paranaenses realizar a sua vida e desenvolver as suas atividades produtivas, notadamente a agricultura, segundo dispositivo e imperativo da orientação imigratória nacional.

Desde 1829, até a emancipação da província, em 1853, foi pequeno o número de imigrantes que entraram no Paraná, alguns alemães, franceses e suíços.

Depois, quando já se impunha positiva a abolição da escravatura negra e a atenção do governo imperial se voltou à política imigratória, a fim de atender as necessidades do trabalho agrícola, base econômica do Brasil, o Paraná empreendeu grandemente a entrada e fixação de imigrantes.

O Estado organizou efetiva colonização de muitas áreas do seu território. Italianos, alemães, eslavos foram situados em colônias estabelecidas pelos municípios do Paraná, como as de Santa Felicidade, Cândido de Abreu, Mariental e outras.

Terminada a Primeira Grande Guerra Mundial, reiniciaram as correntes imigratórias em direção ao Paraná, e hoje é, também, estimável a imigração asiática, colonos japoneses que procuram as terras férteis do Norte do Paraná.

De maneira extraordinária têm contribuído os imigrantes do Paraná, não só ao nosso progresso econômico, como à nossa formação, mesclando tipos, introduzindo usos e costumes e definitivamente se incorporando à vida brasileira.

## POLÍTICA DOMINANTE ÀS VÉSPERAS DE 1930

Outro homem houve no Paraná que, ditando as normas da política interna, exerceu inteiro predomínio na vida político-administrativa do Estado, nos anos que antecederam a revolução de mil novecentos e trinta.

Chefe local, detentor do mando político, foi o Dr. Afonso Alves de Camargo, por dois períodos, eleito Presidente do Estado, não conseguindo todavia, do segundo, terminar o seu mandato, uma vez que foi deposto pela revolução.

Pertencente à agremiação partidária de Afonso Alves de Camargo, o Dr. Caetano Munhoz da Rocha ocupou a Presidência do Estado em dois períodos consecutivos, realizando um dos melhores e mais sadios governos do Paraná.

Empenhou-se no aparelhamento do pôrto de Paranaguá, abriu estradas, iniciou a colonização e desbravamento do Norte do Paraná, construiu escolas e hospitais, binômio inseparável e indispensável à formação e bem-estar popular e conseqüente desenvolvimento do Estado.

Do seu trabalho profícuo bastam dois exemplos, o Palácio da Instrução e o Sanatório de São Sebastião.

Com os governos de Caetano Munhoz da Rocha e Afonso Alves de Camargo, o Paraná encerrou a sua história na primeira república, lançados os fundamentos da sua realização.

## L E I T U R A

### A RUA QUINZE

A Rua das Flores... Descalça, e com um xale escocês sôbre os ombros trigueiros... Três sobrados sem estética: o da Presidência, o da "Casa do Sol" e o do Zé Nabo. Em frente dêste, rematada por forte argolão de ferro, uma grossa estaca, falquejada em quatro faces. Nela eram amarrados os animais, enquanto os donos, tomando chimarrão, faziam completo sortimento de "secos e molhados" e fazendas, que tinham crédito na razão da importância da ordem do "engenheiro" a quem haviam vendido a erva-mate.

Casas baixas, achatadas, umas; outras, agarradas a barrancos, a cavaleiro da rua. E se chovia — lama; e pó — se fazia sol. E no pó do mistério se envolve tôda uma geração, que se deliciava, às quintas e domingos, com os concertos ao ar livre, em frente do palácio, executados pela banda da polícia da província, e nas outras noites, com os dos sapos, precursores do jazz-band... Um dia, os ocupantes do trono imperial lembraram-se de nos visitar, e, depois dessa honra, acrescida com a famosa frase de Pedro 2.º: "O Paraná marcha na vanguarda da civilização", a rua, mais coquete, lançou as flores fora, e resolveu mudar de apelido. De então em diante se condecorou com o nome da Imperatriz. Era ainda, porém, uma rua provinciana, que ficava intrigada com qualquer cara nova que aparecia, e que em tôrno dessa cara nova amontoava, dias seguidos, indagações insistentes e tecia um mundo de comentários. Era quase a rua do — lá vem um. Mesmo com seus ares de moça regularmente educada, era desconfiada e tímida. Ainda com hábitos primitivos, mas já falsificando, com os corações e os grandes tubos da "Empresa Sanitária", os mais finos perfumes. E falsificando de que forma, Virgem Maria! Cortavam-na já os trilhos da Empresa de Bondes, e, então, como em todo o Brasil, a tração animal. Adornava-se já de alguns bons edifícios, como o do Clube Curitibano. Na esquina do Zé Nabo — o respeitável e honrado comerciante José Fernandes Loureiro — havia o grupo do "chimarrão". Quase todos do bando, usavam chinelos sem meia e pala enfiada no pescoço. A esquina do

Capitão Sizenando de Sá Ribas — o Nhô Siza — era famosa... Nela, diariamente, era editada uma revista crítica de costumes. Mas, assim mesmo a sinhá dona foi embelezando aos poucos. Adornava com uma camélia branca os cabelos negros, e dava bailes de grande tom. No que veio o 15 de Novembro, ela se alvoroçou tôda, mandou ao diabo o nome imperial, crismou-se com o da data máxima de nossa história política. Até as ruas conhecem a bruta vantagem da adesão...

Ao partir, deixei-a num flêrte escandaloso, divinamente escandaloso, com o elegante senhor Progresso. Agora, de regresso, vejo que se entenderam perfeitamente, tão bem, que um milagre se operou: o da transformação da plebéia da monarquia em fidalga da república. Ela aí está, cheia de encantos, maravilhosamente bela, com os seus ediffícios suntuosos, o seu intenso movimento de automóveis e de gente — rua autêntica de cidade grande e de grande cidade.

— Que Deus a não desampare.

*Leóncio Correia*

## SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

### A

- 1 - Quando foi criada a comarca de Paranaguá?
- 2 - Teve ela grande progresso?
- 3 - Desejou a câmara municipal de Paranaguá separar-se da capitania de São Paulo?
- 4 - A falta de autonomia da comarca prejudicava o seu progresso?
- 5 - Quem tentou a emancipação da comarca em 1821?
- 6 - Alcançou êxito essa tentativa?
- 7 - Quais as personagens que mais se destacaram na campanha autonomista?
- 8 - Quais os motivos de ordem nacional que possibilitaram a emancipação?
- 9 - Quem apresentou o projeto de lei concedendo autonomia ao Paraná?
- 10 - Quando o Paraná conseguiu a sua autonomia e quando foi instalada a província?
- 11 - Qual o seu primeiro presidente?
- 12 - Teve êle excelente ação político-administrativa?
- 13 - Qual a primeira lei da Assembléia Legislativa Provincial?

### B

- 14 - Continuando as bandeiras e as expedições militares houve, no século dezoito, outro movimento de posse e ocupação da terra?
- 15 - Como o proprietário privado aproveitou economicamente a terra?

### C

- 16 - O Paraná participou das questões internacionais do império?
- 17 - O que sabe sobre o incidente "Cormorant"?
- 18 - A lei Eusébio de Queirós foi conseqüência do caso Cormorant?
- 19 - Por que os portugueses escravizaram o índio e o negro?
- 20 - Qual a lei que concedeu geral abolição da escravatura?
- 21 - O Paraná recebeu grande número de negros escravos?
- 22 - Os paranaenses aderiram à campanha da abolição?
- 23 - Cite jornalistas do Paraná que trabalharam na campanha abolicionista.
- 24 - Por que os brasileiros desejavam a República?
- 25 - Qual o partido que desenvolveu a campanha republicana?
- 26 - Os militares foram, no Brasil, simpatizantes da república?

- 27 - Quem foi Ubaldino do Amaral Fontoura?
- 28 - Na época do proclamação da república, qual o presidente da província do Paraná?
- 29 - O primeiro governo eleito do Paraná teve longa duração?
- 30 - Qual o segundo presidente eleito do Paraná? E o vice-presidente?

#### D

- 31 - Onde irrompeu a Revolução Federalista?
- 32 - Por que se revoltou Custódio de Melo?
- 33 - Qual a tarefa que Floriano deu ao Paraná?
- 34 - Onde foi concentrada a resistência legalista?
- 35 - Quem foi Antônio Gomes Carneiro?
- 36 - A cidade da Lapa opôs resistência aos federalistas?
- 37 - Quando capitulou a cidade da Lapa?
- 38 - Quais as conseqüências, no Paraná, da Revolução Federalista?
- 39 - O que sabe sobre as questões de fronteiras entre o Paraná e Santa Catarina?
- 40 - Como teve origem a Campanha do Contestado?
- 41 - O exército nacional participou da Campanha do Contestado?

#### E

- 42 - O Paraná é terra de imigração?
- 43 - Antes de sua emancipação, o Paraná recebeu grande número de imigrantes?
- 44 - Por que houve necessidade, no Brasil, da introdução de imigrantes?
- 45 - Quais os colonos europeus que procuram, de preferência, o Paraná?
- 46 - Têm vindo ao Paraná imigrantes de origem asiática?
- 47 - Os imigrantes têm contribuído à nossa formação?

#### F

- 48 - O que sabe sobre os governos do Dr. Xavier da Silva?
- 49 - Quais os homens do Paraná que, na primeira república, se destacaram como chefes políticos?
- 50 - Cite realizações do governo do Dr. Caetano Munhoz da Rocha.



## V

# REALIZAÇÃO DO PARANÁ

## A REVOLUÇÃO DE 1930 E O PARANÁ

A primeira república brasileira se caracterizara pelo ardor dos embates e paixões políticas, perturbando as realizações governamentais e a marcha ascendente do progresso.

Muitas foram as queixas acumuladas contra o regime político-administrativo dominado pelo chefe, local ou nacional.

Uma delas era que o eixo da vida política no Brasil girava em torno dos "mangueirões", onde, com prepotência, os "coronéis" exerciam o mando político.

O voto não era secreto, perseguições políticas eram freqüentes e, na maior parte das vezes, fraudulentas as eleições, quando os próprios mortos chegavam a votar.

Senhor da situação, sempre ganhava o governo, oprimindo as liberdades individuais.

Assim foram as últimas eleições de 1930. Mas já havia despertado a consciência nacional e, ao lado do candidato vencido à presidência da república, o Dr. Getúlio Vargas, formara-se a Aliança Liberal, reunindo as forças democráticas do Brasil, que soltaram o brado de reforma e renovação.

Renovação das classes dirigentes, o povo delas participando, e reforma dos rumos político-administrativos, dando-lhes um aspecto social-dinâmico.

Nas linhas gerais, a situação do Paraná era a mesma da república. Havia descontentamentos contra a orientação política dominante de Afonso Alves de Camargo.

A três de outubro de mil novecentos e trinta, no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, irrompeu a maior das revoluções brasileiras, pelas suas causas e conseqüências.

Vitoriosas, as tropas do Rio Grande do Sul chegaram ao Paraná, onde também vencera a revolução, conduzida pelos bravos militares Coronel Plínio Tourinho e General Mário Tourinho.

Recusando-se a deixar o govêrno da nação, foi o Presidente Washington Luís deposto na Capital Federal por altas patentes do exército brasileiro.

Triunfantes, os revolucionários chegaram ao Rio de Janeiro, ocupando o govêrno provisório da república, o Dr. Getúlio Vargas.

Com a vitória da revolução cai, no Paraná, o Dr. Afonso Alves de Camargo, que se retira da vida pública.

Pelo Presidente da República é nomeado Interventor Federal no Estado do Paraná o general revolucionário Mário Tourinho, substituído depois por Manuel Ribas, homem da inteira confiança de Getúlio Vargas.

Renovaram-se os quadros políticos dirigentes do Paraná e o Estado entrou em fase de franco progresso e desenvolvimento econômico.

## O PARANÁ NO ESTADO NOVO

Em novembro de 1937 deu-se completa e radical transformação na política interna do Brasil, quando, com o apoio das forças armadas, o Presidente Getúlio Vargas, pouco antes do término de seu mandato presidencial, por ocasião da propaganda das próximas eleições, em bem vibrado golpe de Estado, outorgou nova Constituição, instalando no Brasil um Estado autoritário e passando a exercer um govêrno forte.

Continuou na interventoria federal do Paraná Manuel Ribas, que se distinguiu no govêrno do Estado, pelas suas altas qualidades de administrador.

O seu govêrno foi de trabalho contínuo, de acôrdo com os interesses do Paraná, que ingressava em sua mais promissora fase econômica.

De sua ação administrativa ressalta a orientação que deu às atividades paranaenses de rumo ao campo. Procurou valorizar a terra, os seus frutos e o trabalho do homem rural.

Também conduziu ao campo as obras assistenciais do Estado, como a Penitenciária Agrícola, as escolas de trabalhadores rurais, e os abrigos de menores, visando à recuperação do homem e da terra.

Não descurou da circulação das riquezas paranaenses, abrindo estradas e conservando-as.

Manuel Ribas realizou no governo do Estado do Paraná uma boa administração, como todos o reconhecem e louvam.

Foi no tempo do Estado Novo que o Paraná sofreu o rude golpe da desanexação do Iguazu, criado território federal sem relevantes motivos, com o que nunca se conformaram os paranaenses, lutando pela sua volta ao Paraná.

## A REDEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS

No correr dos anos, mais se acentuou o caráter autoritário do Estado Novo; a sua própria Constituição deixara de ser obedecida.

Os brasileiros ansiavam por liberdade política e desafogo, quando, premido por grande movimento da opinião pública nacional, o Presidente Getúlio Vargas acedeu em convocar eleições.

Houve quem desconfiasse das atitudes do chefe da nação, que estivesse êle desejoso em continuar no governo e assim foi, pelas forças armadas, deposto em a noite de 29 de outubro de 1945, depois de quinze anos de governo em que os desmandos políticos foram, no entanto, compensados pela maior obra administrativa já realizada no Brasil.

O movimento é nacional, não encontra resistências.

No Paraná, o Interventor Manuel Ribas, deixando o governo do Estado, entrega-o ao Desembargador Clotário de Macedo Portugal.

Reúne-se a Assembléia Nacional Constituinte a fim de elaborar a *Constituição democrática de 1946*.

É o instante em que, liderados pelo Deputado Federal Bento Munhoz da Rocha Neto e pelo Governador provisório do Estado Brasil Pinheiro Machado, se levantam os paranaenses, exigindo a

volta do Território do Iguçu, o que conseguem, após árdua batalha parlamentar.

Democráticamente, efetuadas as eleições, no Paraná venceu o candidato do Partido Social Democrático à Presidência do Estado, Moisés Lupion. Partido êsse que congregava antigos elementos governistas do Estado Novo.

A Assembléia Legislativa eleita apresentou, em 18 de julho de 1948, a Constituição Estadual.

O govêrno de Moisés Lupion tratou, de modo especial, da abertura e conservação das estradas, necessárias ao escoamento da produção agrícola, mormente do Norte do Paraná.

No seu período governamental foram concluídas as obras do Colégio Estadual do Paraná, o maior estabelecimento de ensino secundário do Brasil. Instalaram-se no interior do Paraná inúmeros ginásios e escolas normais. O plano hidrelétrico do govêrno de Moisés Lupion merece grandes louvores.

Em vibrante demonstração pública foi eleito, ao segundo período constitucional do govêrno do Paraná, o Professor Bento Munhoz da Rocha Neto, apresentado por uma coligação de partidos.

Professor da Universidade do Paraná, sociólogo eminente, o Doutor Bento Munhoz da Rocha Neto, o governador do Centenário do Paraná, é viva expressão do novo pensamento político-administrativo nacional.

## VIDA ECONÔMICA DO PARANÁ

O Paraná, regionalmente, seguiu os passos do Brasil na orientação da sua economia histórica.

Aqui se repetiu o fenômeno dos ciclos econômicos, com aspectos locais. O produto-chave dominando a política e a vida social, dando um toque característico, especial a cada época.

Primeiro foi o *ciclo do ouro* da lavagem no litoral paranaense. Tempo instável, de aventura, mobilidade da população nas lidas da procura e comércio do ouro. Atraiu intenso povoamento de mineiros e fiscoadores do ouro e agentes do fisco português, como o foi, em Paranaguá, Ébano Pereira.

Depois, no planalto, já fixando a população à terra pela necessidade de cuidados aos rebanhos, surgindo a fazenda de criar, centro

da vida social, e, ao mesmo tempo, abrindo novos caminhos na passagem das tropas e semeando o povoamento ao longo das estradas, o *ciclo da criação e comércio do gado* marcou a história política, social e econômica do Sul brasileiro.

O *ciclo da erva-mate*, típico nas terras do Paraná, com os seus carijós e engenhos, embora breve na sua culminância, teve acentuada influência na gente do Paraná. Atividade própria do interior paranaense, morreu, no entanto, o ciclo da erva-mate, sufocado pela indiferença governamental.

Quando o homem se tornou senhor das matas e florestas de araucárias, praticando a maior economia destrutiva de nossa história, o Paraná atravessou o *ciclo da madeira*.

A exploração da madeira fêz surgir, ao lado das serrarias, novas cidades, onde pontificavam os madeireiros. Com o baque dêsse artigo no mercado internacional, hoje, muitas estão decadentes e pequenos povoados do Sul paranaense que, em outros dias do auge da madeira, tiveram vida animada e promissora, estão mortos e abandonados.

O *ciclo dos negócios de terras* também estêve presente na economia do Paraná. Houve um momento em que o comércio da terra foi a atividade predominante e a preocupação dos paranaenses, característico ainda porque foi o preparador da ascensão econômica de nossa terra, pela divisão e distribuição das suas glebas.

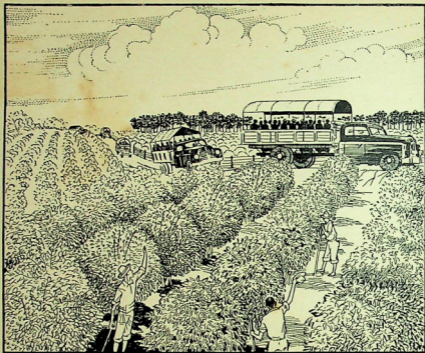
## A RIQUEZA ECONÔMICA DO MOMENTO

Vivemos no Paraná o *ciclo do café*, a civilização e a cultura do café.

Desde o segundo império é o Brasil o maior produtor mundial de café, mas só agora o Paraná recebeu, pela recente introdução do plantio, o influxo da sua cultura dominadora.

É o produto que fornece maiores divisas cambiais ao Brasil, possibilitando a importação e, assim, colocando o Paraná em posição de destaque dentro da vida econômica nacional.

O café realiza o crescente progresso do Paraná, fazendo a riqueza particular e pública. É o dinheiro do café que faz movimentar as grandes realizações presentes.



Esta é uma fase econômica de apogeu que o Paraná e os paranaenses atravessam, dando um significado especial aos nossos dias e imprimindo em nossa vida as suas feições e conseqüências.

### MONOCULTURA E POLICULTURA

Temos falado apenas em ciclos econômicos e produtos dominantes.

Como que paira também sobre o Paraná o grave erro e grande perigo da monocultura e atividades que concentram em um só produto-chave as atenções gerais e, quando vem a inevitável queda, a todos arrasta, Estado e particulares, à decadência econômica.

Mas o Paraná, assentando, como o deve sempre fazer, o seu regime econômico na agricultura e seguindo o rumo da *policultura*, encontrará definitivamente o seu caminho de riqueza e progresso.

Nos últimos anos, a produção agrícola do Paraná tem aumentado de maneira considerável, contribuindo para a realização econômica da terra paranaense.

Temos produzido, não só o café, mas o milho, feijão, batata, cereais, necessários à alimentação popular brasileira e paranaense e, ainda, à exportação.

O aproveitamento econômico da terra, através da cultura de produtos fundamentais, deve constituir a preocupação dos homens do Paraná.

### O DESBRAVAMENTO DO NORTE DO PARANÁ

No comêço do século, remotamente se cogitava da exploração e aproveitamento econômico da imensa e fértil região do *Norte do Paraná*.

Ela estava como que abandonada e esquecida pela nossa gente.

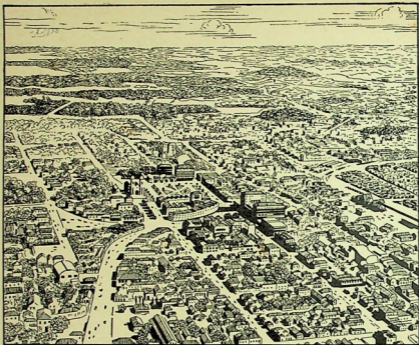
Foi revelada ao Paraná quando chegou a cultura do café e a cada safra cresceu o Norte do Estado. Primeiro, ao Norte Velho, chegaram mineiros e surgiram cidades, Jacarèzinho, Ribeirão Claro, Santo Antônio da Platina. Depois vieram os homens da Companhia de Terras Colonizadora do Norte do Paraná que, em acôrdo com o govêrno de Caetano Munhoz da Rocha, realizaram o desbravamento do verdadeiro sertão, levando consigo o povoamento efetivo.

O sertão foi recuando e apareceram novas plantações, fazendas e vilas. Vilas que depressa cresciam e eram cidades. Cidades de intenso movimento, logo por outras suplantadas.

É o desenvolver vertiginoso do chamado Norte Novo.

Londrina foi, e é, centro irradiador do progresso do Norte do Paraná, rodeada de cidades que viu surgir, de cafèzais que se espraiam ao longe.

Arapongas, o maior centro cerealista da América do Sul, Apucarana, Maringá e continuando a seguir, outras cidades novas, o café, a civilização paranaense, até as barrancas do grande rio Paraná.



A sua produção em ascensão, o dinheiro circulando ligeiro correu pelo Paraná todo, revitalizando as forças econômicas do Estado que refletem o esplêndido fenômeno das terras do Norte paranaense.

### MIGRAÇÕES INTERNAS NO PARANÁ

Sofre o Paraná, nos dias que correm, em consequência do progresso econômico que atravessa, o influxo de dois movimentos migratórios que se processam internamente, na procura das terras de onde jorra o ouro dos cafêzais.

Um, que penetra pelo Norte do Estado, constituído de mineiros, como de nordestinos que fogem à aridez de sua terra.

Outro, que entrando pelo Sul se dirige também às terras do Norte, trazendo gaúchos da campanha rio-grandense.

Hoje, todos vêm ao Paraná, atraídos pela fase próspera, querendo participar das suas oportunidades.

Aumentou a população do Paraná, integrada de novos elementos que, aos poucos, se adaptam e diluem na sociedade paranaense.

### CURITIBA, CIDADE GRANDE

Curitiba, cidade provinciana do findar do século dezenove, decorridos cinqüenta anos que viram o transmudar da vida econômica paranaense, transformou-se em agitada e moderna cidade grande.

Ruas que apresentam aspecto novo, cosmopolita, edifícios que apontam para o alto surgem a cada instante, avenidas que se abrem, a cidade que se espalha, pontilhada de chaminés fumegantes.

São as indústrias que têm procurado Curitiba. É o início do surto da industrialização no Paraná que tem enormes possibilidades, desde que resolvido o problema da energia elétrica.

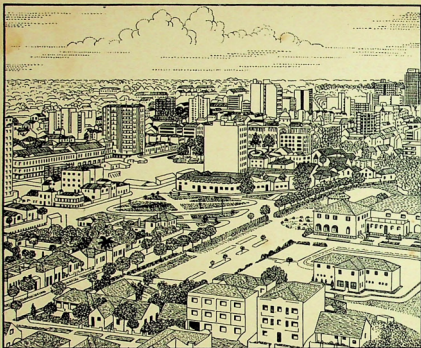
O pequeno centro de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, terra de muito pinhão, é hoje a moderna Capital, que vive a realização do Paraná, no seu impetuoso progresso.

### AS GRANDES REALIZAÇÕES PRESENTES

Acompanhando o intenso desenvolver do Estado, o govêrno de Bento Munhoz da Rocha Neto programou vasto plano de obras que, terminadas, constituirão o que de maior já se fêz no Paraná, no setor da administração pública.

Teve êle por objetivo mostrar ao Brasil e aos brasileiros, quando das comemorações do centenário, em 1953, o que o Paraná conseguiu realizar, após um século de autonomia, na iniciativa particular e governamental.

O interior do Estado está sendo beneficiado com a vasta rêde de estradas, alguns longos trechos asfaltados, como o que liga Londrina a Apucarana. Dando escoamento à produção, preocupa-se o govêrno em não quebrar o ritmo do progresso paranaense.



Escolas primárias, fundamentais à formação das populações camponesas, são fundadas e reaparelhadas. O preparo técnico e científico do professorado é cuidado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná.

Postos de higiene e puericultura são instalados em todos os municípios do Estado.

O porto de Paranaguá, importante pela exportação de café, está sendo reaparelhado.

Não tem faltado amparo à produção agrícola e ao trabalhador rural, base da economia paranaense.

Obras tôdas coroadas por aquelas que se realizam na Capital do Estado, velhas aspirações do govêrno e do povo do Paraná, como

a Biblioteca Pública, cuja falta não se compreendia em uma cidade universitária. Assim também o Teatro Estadual, onde se desenvolverá a cultura artística, as escolas, grupos escolares moderníssimos, como o Grupo Escolar Tiradentes, fruto arrojado da moderna arquitetura funcional.

Finalmente, devemos citar o Centro Cívico, onde serão concentrados os órgãos da administração pública. Conjunto arquitetônico que impressiona, será constituído pelo Palácio do Governô, Palácio das Secretarias, o maior edifício do mundo em concreto armado, Recebedoria e Pagadoria Central do Estado, Protocolo Geral, demais construções auxiliares e, ainda, o Palácio da Justiça que compreenderá os serviços do Tribunal de Justiça do Estado e órgãos da Justiça da Capital.

## DESENVOLVIMENTO CULTURAL DO PARANÁ.

O Paraná cresceu não só no sentido material, mas também espiritual.

Cem anos de vida político-administrativa autônoma que equivalem a um século de conquistas culturais do povo do Paraná.

Em tôdas as manifestações brasileiras, nas artes, nas letras e nas ciências, está presente o paranaense, elevando bem alto o renome de sua terra e honrando a sua gente.

Silenciosa, mas continuamente se processa a formação educacional da infância e juventude do Paraná.

Curitiba, Cidade-Sorriso, é centro universitário, sede da mais antiga Universidade do Brasil que vive, hoje, plenamente, a sua missão social e humana. A Universidade do Paraná, procurada por estudantes de todos os recantos do Brasil pela excelência do ensino ali ministrado, é o orgulho e cuidado dos paranaenses.

Muitos são os homens do Paraná que se destacam pela sua projeção no desenvolvimento cultural do Estado; enumerá-los seria longo, basta-nos a lembrança de Rocha Pombo, Nestor Vitor, Francisco Negrão, Emiliano Pernet, Emílio de Meneses, Chisimaco da Costa, Ermelino de Leão, Brasília Itiberê da Cunha, Hugo Simas e Romário Martins.

## RUMOS DO PARANÁ

O Paraná é uma terra nova, de gente nova que, nos dias do centenário, vê a realização do seu vigor econômico e a sua afirmação social-cultural, dentro da federação brasileira.

É o presente grandioso construído, tenaz e valentemente, pelos homens que compreenderam a terra e a ela se entregaram sem condições e esmorecimentos.

Chegados a este ponto, é o instante de os paranaenses tomarem rumos, firmando as conquistas já realizadas e abrindo novos caminhos, pelo trabalho consciente e dirigido de governantes e governados, ou entregando-se à inércia, à indiferença, ao gôzo do apogeu presente, perder o momento histórico decisivo que vivemos.

É a encruzilhada que temos por diante, de onde sairá o Paraná gigante do futuro, ou a terra que foi prometida, mas que os homens não souberam alcançar!

## L E I T U R A

### SETEMBRO

Eu ontem vi chegar, quase que à noitezinha,  
Apressada e sutil, a primeira andorinha...

É a primavera, pois, em flor, que se anuncia,  
É setembro que vem, bêbado de ambrosia,

Mãos doiradas, a rir, mãos leves e radiosas,  
Semeando à luz e ao vento as papoulas e as rosas...

Como foi para nós de um esquisito gôzo,  
Ó minha alma! êsse doce, êsse breve repouso,

Que entre o nosso viver tumultuário e incerto  
Surgiu como se fôsse oásis do deserto...

Tôda linda manhã era nova beleza;  
E causava-me sempre uma grande surpresa.

Envôlta no sendal de névoa, que flutua,  
Vê-la, quando ficava inteiramente nua...

E que estranha delícia, e que ventura aquela,  
Quando, bem cedo, o sol saltando-me à janela

Vinha cobrir de luz sonora, como um hino  
De gorjeios de luz, meu quarto pequenino...

Voávamos, depois, por aquêles caminhos...  
Voávamos, Senhor, eu e os passarinhos.

Tudo era alegre como um ramo de giesta,  
O campo, o céu, a luz, a múrmura floresta.

Tudo era uma canção; tudo reverdecia:  
A fôlha, a vinha, a seara, a graça, a fantasia.

Nas árvores, no ar, por tôda a imensa altura,  
Ó que ruído! ó que delírio! ó que loucura!

E que bom de fugir sem saber como, a êsmo,  
Por êsse campo em flor, a sós, comigo mesmo.

Para quem anda a sós, como se fôsse um duende,  
É o ar da solidão bálamo, que rescende.

Que lindo céu azul! e que dias suaves!  
Em breve eu aprendi a linguagem das aves.

Falei aos animais, e claramente posso  
Dizer que o olhar dos bois é melhor do que o nosso

E mesmo acrescentar, com firmeza, e com calma,  
Que se nós temos alma, êles também têm alma!

Mata que percorri, como fazem os gamos,  
Tôda coberta de folhagens e de ramos.

Como é grato viver dentro dêsse teu seiol  
Que frescura! que olor! que límpido gorjeiol

E que bom de fruir com sôfregos desejos  
O rústico sabor acre dêsses teus beijos!

Vestido de aldeão, com o meu chapéu de palha,  
Eu vi quanto era bom um homem que trabalha.

Deslizando através dêsses caminhos todos,  
Eu pude ver também como os homens são doudos.

E no meio banal dessa rusticidade,  
Quanto o campo é melhor, mil vêzes, que a cidade.

E tudo mais sincero, e mais perfeito, tudo:  
As tardes de setembro, as tardes de veludo.

Os longos funerais, e o magnífico entêrro  
Do sol, quando descamba atrás daquele cêrro...

Bendita seja a paz! Maldita seja a guerra!  
Bendito sejas tu, ó lavrador da terra.

Que, desde o alvorecer da luz, até o sol pôsto,  
Amassas o teu pão, com o suor do teu rostol

Minha imaginação era um anseio vago,  
Fugindo para além do espelho azul do lago,

Do campo, da floresta e do vale risonho,  
Indo perder-se, enfim, no oceano do sonho...

Sonhei. Pude sonhar. Não há nada no mundo  
Que seja para mim de um gôzo mais profundo.

Pude sonhar ao pé dos altos eucaliptos  
Os sonhos que mais amo, os sonhos infinitos.

Como achei tudo bom! Como achei tudo belo!  
Como me senti bem dentro dêsse castelo,

Onde pude viver, por uns dias, ao menos,  
Do modo por que vós vivestes, ó Silenos,

Ó Faunos e Egipãs, entre o silêncio de ouro  
De bosques de açucena, e rosa, e mirto, e louro,

E como êsse deus Pã, de eterna juventude,  
Descuidado a soprar agreste flauta rude,

Longe de todo mal, livre completamente,  
Tão livre como tu, água pura e corrente,

Tão simples como aquela ave triste e obscura,  
Cujo canto real tem tamanha ternura,

Que, no meu coração, é o poeta que eu mais quero,  
Por ser singelo e nu, por ser claro e sincero!

*Emiliano Pernetá*

## VISITA A UMA FAZENDA DE CAFÉ

"Nós três estávamos decididos a visitar uma fazenda de café, naquela excursão pelo Norte do Paraná. Mas não conhecíamos nenhum dono de fazenda e éramos também ilustres desconhecidos. Chegamos à porta de um dos muitos "cafés" de Londrina e indagamos qual a grande fazenda, digna de ser vista e onde pudéssemos encontrar amável acolhida.

O rapazote não teve dúvidas, respondeu: — "A do Raimundinho". Raimundo Durães, pioneiro de Londrina, senhor do café, a quem o povo, pela sua atraente simpatia, batizara simplesmente "o Raimundinho".

Tomamos um carro que, por duzentos cruzeiros, nos levaria em uma hora de viagem de poeira e cafêzais.

Lá estava êle à porta. Descemos e, como naquelas paragens não se perde tempo, fomos pedindo licença para visitar os cafêzais e instalações da fazenda.

Conduzidos pelo Raimundinho, logo o tratávamos assim, vimos a casa do senhor de fazenda, grande, ampla, conforto moderno em estilo rústico. O puro café servido foi extraordinário. Depois os cafêzais, verdes, verdes, descendo e subindo colinas. Milhares de pés de café e uma vontade danada em ver o Brasil todo assim plantado, Terra da Promissão...

Os terreiros de secagem e classificação do café, as máquinas de beneficiamento, ensacagem e outros serviços.

Abaixo do jardim de café, a vila dos trabalhadores da fazenda, cem famílias, mais ou menos quinhentas pessoas. Luz, água, telefone, médico, farmácia, escola, professora, bar, cinema, tudo mantido pela administração da fazenda.

E o Raimundinho conversava. Falava dos problemas agrícolas que enfrentava, da fuga do homem para a cidade, na melhoria das obras de assistência ao trabalhador do campo e, toque agudo! na EDUCAÇÃO RURAL.

Foi aí, de súbito, que eu compreendi o *porquê* do progresso do Norte do Paraná, sentindo a sinceridade daquele homem que ajudara a construir Londrina, vendo o amor dos seus olhos espreitando

pelos cafèzais e acariciando a terra, era a mesma continuidade dos bandeirantes que conquistaram o Paraná, modificadas as condições de meio e época, realizando agora, atraídos e subjugados pela terra, a sua grandeza sócio-econômica."

## SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

### A

- 1 - Havia queixas contra o regime político da primeira república?
- 2 - Por que irrompeu a revolução de 1930?
- 3 - O Paraná aderiu a ela?
- 4 - Quais os chefes paranaenses da revolução?
- 5 - Vitoriosa esta quem ocupou a presidência da república?
- 6 - Quem assumiu o govêrno do Paraná?
- 7 - Qual o regime instalado no Brasil, em 1937, pelo Dr. Getúlio Vargas?
- 8 - O que sabe sôbre a administração de Manuel Ribas?
- 9 - Qual a orientação dada por êle às atividades paranaenses?
- 10 - Quando o Paraná perdeu o Território do Iguaçú?

### B

- 11 - Quando se deu a redemocratização do Brasil?
- 12 - Quem comandou, no Paraná, a campanha pela volta do Iguaçú?
- 13 - Em que setor mais se destacou o govêrno de Moisés Lupion?
- 14 - Quem foi eleito ao segundo período constitucional do Paraná?
- 15 - Qual o programa de obras do govêrno de Bento Munhoz da Rocha Neto?

### C

- 16 - Quais os ciclos econômicos atravessados pelo Paraná?
- 17 - Qual a importância do café nos dias presentes?
- 18 - O que é monocultura e policultura?
- 19 - O Paraná, além do café, apresenta outras produções agrícolas de importância?
- 20 - Quando se deu o desbravamento do Norte do Paraná?
- 21 - Quais as suas grandes cidades?
- 22 - As terras do Paraná têm sido procuradas por brasileiros vindos de outros estados?
- 23 - Quais as transformações por que passou Curitiba?

### D

- 24 - Qual a instituição cultural que é o orgulho dos paranaenses?
- 25 - Cite vultos eminentes da cultura paranaense.
- 26 - Por que dizemos que o Paraná está vivendo a sua realização?
- 27 - Qual a encruzilhada em que se encontram os homens do Paraná?

## SUGESTÕES PARA UMA PROVA OBJETIVA DE MEDIDA DO CONHECIMENTO

Nome do candidato: .....  
Data: .....  
Grau: .....  
Aplicador: .....  
Revisor: .....

### HISTÓRIA

COMPLETE as sentenças abaixo:

- 1 — Os grandes descobrimentos se deram no final da .....  
e assinalaram o início dos tempos .....
- 2 — Os grandes descobrimentos foram realizados, principalmente, pelos  
habitantes da Península Ibérica e .....
- 3 — O tipo de embarcação utilizado nos grandes descobrimentos foi o  
da .....
- 4 — O cravo, a canela, a sêda e outros, eram as chamadas “.....  
”, necessárias ao consumo dos europeus.
- 5 — Cite causas dos grandes descobrimentos:
  - a — Situação geográfica.
  - b — .....
  - c — .....
  - d — .....
- 6 — Bartolomeu Dias, dobrando o ....., abriu a  
rota à viagem de .....  
às Índias.
- 7 — Cristóvão Colombo, a serviço da Espanha, seguindo o rumo do  
....., pensou haver chegado às Índias, mas desco-  
briu a .....
- 8 — No ano de 1494, foi celebrado entre ..... e Espa-  
nha o Tratado de .....
- 9 — A expedição de ....., em 21 de abril  
do ano de 1500, chegou ao .....
- 10 — As primeiras notícias sôbre o descobrimento do Brasil foram dadas  
ao rei de ....., pelo escrivão .....

11 - Cite os grandes grupos de indígenas que habitavam o Brasil:

.....

.....

ASSINALE com um (x) entre os parênteses em branco:

12 - Os indígenas do Brasil conheciam o uso do:

- cimento ( )
- ferro ( )
- fogo ( )
- pólvora ( )
- estanho ( )

13 - Os indígenas do Brasil viviam em:

- casas de pedra ( )
- ocas de barro e ramagens ( )
- barracas de lona ( )
- casas de madeiras ( )
- casas de tijolos ( )

14 - O ente superior em quem acreditavam os indígenas do Brasil era:

- Jaci ( )
- Mboi-Tatá ( )
- Rudá ( )
- Tupã ( )
- Guaraci ( )

15 - No Paraná os indígenas deixaram:

- o uso do café ( )
- o uso do açúcar ( )
- a lenda de Iemanjá ( )
- o uso do mate ( )
- a lenda do Pai Zumé ( )

16 - Os indígenas que habitaram o litoral do Paraná foram, principalmente, os:

- Caingangue ( )
- Guairense ( )
- Tingui ( )
- Carijó ( )

17 - A quem se deve o nome de América?

- Vasco da Gama ( )
- João de Solis ( )
- Américo Vespucci ( )
- Cristóvão Colombo ( )
- Pedro Álvares Cabral ( )

- 18 — O pau-brasil era apreciado:
- para servir de lenha ( )
  - por fornecer tinta corante ( . )
  - para construir navios ( )
  - pelos seus frutos ( )
- 19 — Quem comandou a primeira expedição colonizadora que veio ao Brasil?
- Duarte Coelho Pereira ( )
  - Martim Afonso de Sousa ( )
  - Pêro Lopes de Sousa ( )
  - Gaspar de Lemos ( )
  - Cristóvão Jaques ( )
- 20 — As capitanias que prosperaram foram as de:
- São Vicente ( )
  - Ilhéus ( )
  - Sant'Ana ( )
  - Pernambuco ( )
  - Espírito Santo ( )

## SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

Sugerimos aos Senhores Professôres, além da bibliografia necessária de História do Brasil e de História da América, a seguinte bibliografia especializada de História do Paraná, utilizada na elaboração d'êste livro:

- Abreu*, Capistrano — Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil.  
*Affonso da Costa*, Mário J. — Paraná.  
*Azevedo Macedo*, Francisco de — A Conquista Pacífica de Guarapuava.  
*Azevedo Marques* — Dicionário Histórico de São Paulo.  
*Bandeira*, Euclides — Respingos Históricos.  
*Barros*, Homero Batista de — Grafia Científica de "Curitiba".  
*Borman*, J. B. — Dias Fratricidas.  
*Carneiro*, David — Casos e Coisas da História Nacional.  
*Carneiro*, David — A Revolução Federalista e o Paraná.  
*Carneiro*, David — O Cêrco da Lapa e seus Heróis.  
*Carneiro*, David — Os Fuzilamentos de 1894 no Paraná.  
*Carneiro*, David — O Paraná na Guerra do Paraguai.  
*Carneiro*, David — Duas Histórias em Três Vidas.  
*Carneiro*, David — O Incidente Cormorant.

- Carneiro*, David — O Paraná na História Militar do Brasil.  
*Correia*, Leôncio — A Verdade Histórica Sobre o 15 de Novembro.  
*Correia*, Leôncio — O Barão do Cêro Azul.  
*Costa*, Dídio, — Tricentenário de Paranaguá.  
*Costa*, Lisímaco da — Vultos Paranaenses.  
*Dourado*, Ângelo — Voluntários do Martírio.  
*Duelcy*, Américo Oswaldo — Vinte Dias de Glória.  
*Ferreira*, João Cândido — Gomes Carneiro e o Cêro da Lapa.  
*Figueira*, Alberico — A Propaganda Abolicionista em Paranaguá.  
*Figueiredo*, Lima — Oeste Paranaense.  
*Leão*, Ermelino de — Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná.  
*Leão*, Ermelino de — Pinhais.  
*Leão*, Ermelino de — Paraná e Santa Catarina.  
*Leão*, Ermelino de — A Ouvidoria de Paranaguá.  
*Leão*, Ermelino de, e *Moreira Garcez*, João — Paraná e São Paulo-Limites.  
*Leão*, Ermelino de — A História Política do Paraná.  
*Leite*, Aureliano — A História de São Paulo.  
*Marcondes*, Moysés — Documentos Para a História do Paraná.  
*Martins Franco*, Arthur — Diogo Pinto e a Conquista de Guarapuava.  
*Martins*, Romário — História do Paraná — 1.<sup>a</sup> Edição.  
*Martins*, Romário — História do Paraná — 2.<sup>a</sup> Edição.  
*Martins*, Romário — Terra e Gente do Paraná.  
*Martins*, Romário — Paiquerê.  
*Martins*, Romário — Alguns Mapas do Século 17 a 19.  
*Martins*, Romário — Curitiba de Outrora e de Hoje.  
*Martins*, Romário — História da Fundação de Paranaguá.  
*Martins*, Romário — História da Fundação de Curitiba.  
*Martins*, Romário — Curitiba.  
*Martins*, Romário — O Livro do Mate.  
*Martins*, Romário — Guairacá.  
*Martins*, Romário — Argumentos e Subsídios Sobre a Questão de Limites Inter-estaduais.  
*Martins*, Romário — O Litígio e o Acórdão.  
*Martins*, Romário — Litígio Territorial.  
*Martins*, Romário — Limites Inter-estaduais.  
*Martins*, Romário — Livro das Árvores do Paraná.  
*Munhoz*, Alcides — Observações Gerais Sobre o Estado do Paraná.  
*Munhoz da Rocha Neto*, Bento — A Significação do Paraná.  
*Nascimento*, Domingos — Pela Fronteira.  
*Nascimento Júnior*, V. — O Combate do Cormorant.  
*Negrão*, Francisco — Memória Histórica Paranaense.

*Negrão*, Francisco — Genealogia Paranaense.  
*Negrão*, Francisco — Efemérides Paranaenses.  
*Novaes*, Pedro — A Fundação de Paranaguá.  
*Paraná*, Sebastião — Efemérides da Revolução de 1930 no Estado do Paraná.  
*Paraná*, Sebastião — Galeria Paranaense.  
*Paraná*, Sebastião — O Brasil e o Paraná.  
*Pilotto*, Valfrido — Paranistas.  
*Pilotto*, Valfrido — Construamos com a Verdade a História do Paraná.  
*Pilotto*, Valfrido — Assis Cintra e a Tragédia do km 65.  
*Plaisant*, Alcebiades — Cenário Paranaense.  
*Ribeiro Branco*, Eurico — História de Guarapuava.  
*Rocha Pombo*, J. — História do Paraná.  
*Saint-Hilaire* — Viagem no Interior do Brasil, em 1820.  
*Taunay*, Affonso E. — História das Bandeiras Paulistas.  
*Van Erven*, Herbert M. — Datas do Paraná.  
*Viana*, Oliveira — Populações Meridionais do Brasil.  
*Vieira dos Santos* — Memória Histórica de Paranaguá.  
*Washington Luiz* — A Capitania de São Paulo.

Em especial:

*Pinheiro Machado*, Brasil — Sinopse da História Regional do Paraná.

JORNAIS:

"O 19 de Dezembro" — Coleção.  
"A República" — Coleção.

ANAIS:

1.º Congresso da Revolução de 1894.  
Congresso Legislativo do Paraná.

BOLETINS:

Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.  
Arquivo Municipal de Curitiba.  
Instituto do Mate do Estado do Paraná.  
Boletim Geográfico.

REVISTAS:

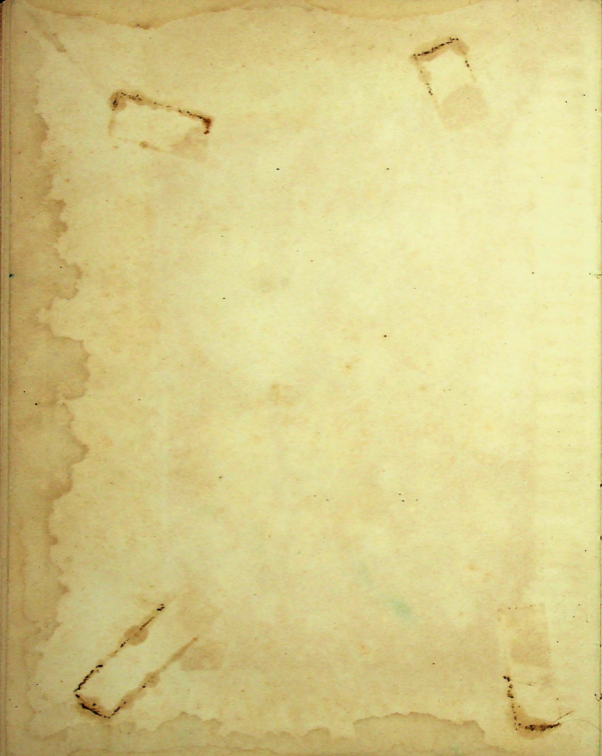
Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.  
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.  
Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.  
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.  
Arquivo Municipal de São Paulo.  
Círculo de Estudos Bandeirantes.  
Ilustração Paranaense.  
Academia Paranaense de Letras.  
Club Curitibano.

**RELATÓRIOS:**

Presidentes da Província do Paraná.  
Presidentes e Governadores do Estado do Paraná.







3000  
1.

SÉRIE  
"VIAGEM ATRAVÉS DO BRASIL"



Autêntico destile das grandezas de nossa terra através de seus costumes, encantos naturais, formação histórica, acidentes geográficos característicos, etc. Volumes caprichosamente ilustrados, constituindo a coleção um precioso documentário.

*Leia a série completa na seguinte ordem:*

- Vol. 1 — AMAZONAS E PARÁ.
- Vol. 2 — MARANHÃO, PIAUI, CEARA, RIO GRANDE DO NORTE, PARAIBA, PERNAMBUCO, ALAGOAS E SERGIPE.
- Vol. 3 — BAHIA, ESPIRITO SANTO E RIO DE JANEIRO.
- Vol. 4 — MINAS GERAIS.
- Vol. 5 — RIO GRANDE DO SUL.
- Vol. 6 — SANTA CATARINA.
- Vol. 7 — PARANA.
- Vol. 8 — DISTRITO FEDERAL.
- Vol. 9 — SÃO PAULO.
- Vol. 10 — GOIÁS E MATO GROSSO.



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

N.º 2687

**LIVRARIA MONT**  
**MONTES & CIA.**

Av. Dr. Vicente Machado,  
Caixa Postal. 55  
PONTA GROSSA - PARANÁ